

METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA REALIDADE GLOBAL E LOCAL

FERNANDO DE LA RIVA

CADERNO
VOLUNTARIADO

09

DESAFIO TRANSFORMADOR



banco de voluntariado
FUNDAÇÃO EUGÊNIO DE ALMEIDA

METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA REALIDADE GLOBAL E LOCAL

FERNANDO DE LA RIVA

Consultor de Organizações. Membro do CRAC,
Colectivo de Educación para la Participación





APRESENTAÇÃO

A Fundação Eugénio de Almeida acredita no Voluntariado enquanto valor e prática exemplar de uma cidadania ativa, livre, responsável e solidária.

O Voluntariado é o resultado de uma opção pessoal de mudar a realidade social a partir do encontro com o outro. Nessa medida, a ação voluntária não se restringe ao campo social – onde a sua presença continua a ser indispensável –, mas alarga-se também à cultura, ao ambiente, à educação, à justiça, e a todas as outras dimensões da vivência humana.

Por outro lado, o Voluntariado é também uma escolha individual de desenvolvimento pessoal através da abertura a novas experiências e aprendizagens.

O Voluntariado tem vindo a assumir novas formas para responder às questões que continuamente emergem do tecido social, económico e político, de que são exemplo o voluntariado empresarial, o voluntariado de competências ou o voluntariado de proximidade.

E no entanto, os valores identitários do Voluntariado permanecem imutáveis, quaisquer que sejam as circunstâncias de tempo ou lugar. Falamos da solidariedade, da generosidade, da partilha, do compromisso responsável, da ação construtiva, da gratuidade, do espírito de serviço.

A convergência da ética e da *praxis* do Voluntariado com a cultura institucional e a missão da Fundação Eugénio de Almeida fez com que esta o escolhesse como uma das suas áreas preferenciais de trabalho. É assim que, desde 2001, a Fundação desenvolve um projeto com vista à valorização e qualificação do Voluntariado e à criação de condições para o seu exercício efetivo.

Trata-se de um projeto amplo, transversal e continuado, orientado pela investigação-ação e para o desenvolvimento de novos modelos de atuação, com uma forte aposta na formação de voluntários e quadros das organizações.

Neste contexto, o voluntário é, ele próprio, o centro e o objeto de uma linha de ação integrada que passa pela motivação, pela formação geral e especializada, pelo enquadramento e acompanhamento no terreno, em suma, pela oferta de um itinerário formativo que permita ao voluntário crescer como pessoa e servir a comunidade.

O caráter diferenciador deste projeto da Fundação assenta na produção e sistematização de conhecimento enquanto fator estruturante da qualificação da ação voluntária. Destaca-se, como marco desta estratégia, a *Officebox do Voluntariado*, que disponibiliza uma metodologia e um conjunto de instrumentos operativos pioneiros em Portugal na gestão e animação de Voluntariado de Proximidade.

O Banco de Voluntariado da Fundação Eugénio de Almeida tem sido outro instrumento importante na implementação do projeto, funcionando como mediador ativo entre voluntários e organizações, e animando uma rede onde a informação, o conhecimento e as oportunidades criam sinergias com impactos positivos na comunidade.

Paralelamente, a Fundação tem desenvolvido um conjunto de projetos de voluntariado em parceria com diversas instituições públicas e privadas.

O âmbito destas parcerias alarga-se também a outros níveis de colaboração aquém e além-fronteiras, disso mesmo dando bom exemplo a presente publicação.

Face à escassez de publicações sobre o Voluntariado em Portugal, quer do ponto de vista conceitual quer do ponto de vista prático, a Fundação considerou imperativo disponibilizar informação sistematizada sobre este tema.

Nesse sentido, e com o apoio da Plataforma do Voluntariado de Espanha, apresenta um conjunto de cadernos selecionados a partir da coleção *A Fuego Lento*, da autoria de reputados especialistas espanhóis e editada por aquela Plataforma.

Estes cadernos, agora traduzidos e adaptados para Português, abordam um leque diversificado de temas e vão conhecer uma divulgação alargada, a partir da região de Évora para todo o país. A Fundação espera assim dar mais um contributo para a formação e qualificação dos diversos agentes envolvidos na prática do Voluntariado.

Estar na vanguarda da promoção de um Voluntariado qualificado é, para a Fundação Eugénio de Almeida, uma opção estratégica movida por uma forte convicção institucional: a de que só um Voluntariado qualificado pode tornar um compromisso individual num movimento coletivo com verdadeiro poder de transformação social.



COLEÇÃO «A FUEGO LENTO»

PARTINDO das diferentes entidades e plataformas nacionais* de voluntariado, temos vindo a refletir em fóruns, Escolas de outono e comissões de formação acerca da necessária atualização das nossas entidades sobre tudo o que tenha a ver com a formação de voluntários. A partir da nossa experiência e do diálogo em curso, vamos descobrindo a necessidade de nos ajustarmos a novas e imaginativas formas de conceber e pôr em prática este trabalho de formação. A nossa inquietação prende-se com a urgência em apostar nos processos educativos de longo alcance, que vão além da formação entendida como a mera transmissão de conteúdos ou de capacidades com vista a «preparar» os voluntários. Estamos convencidos de que os processos sob a forma de itinerário educativo respondem de uma forma mais integrada às necessidades tanto do voluntariado atual como da própria ação voluntária. Quando falamos de itinerário, não nos limitamos a um método de trabalho formativo, mas referimo-nos a uma vasta constelação de preocupações e ocupações quotidianas relativas a:

- _ Questões relacionadas com os processos de formação dos voluntários;
- _ Questões relacionadas com a ação voluntária;
- _ Questões relacionadas com a organização do voluntariado;
- _ Questões relacionadas com a criação de redes com terceiros.

*Nota do Editor: Referência às plataformas espanholas de voluntariado.

Gostaríamos de dar resposta a todas estas inquietações nestes cadernos, sabendo que os estilos educativos marcam e modelam as formas organizativas, os modelos de atuação e os tipos de coordenação com terceiros. Tudo isto requer grandes doses de paciência, flexibilidade e sentido de tempo educativo: um tempo que é *contracultural*, porque aposta necessariamente no *fogo lento*, e não no micro-ondas dos cursos e *workshops* caracterizados pela pressa ou pela eficácia. Daí surge o título da nossa coleção *A Fuego Lento*, expressão de um compromisso educativo conjunto a longo prazo.

Nesta coleção pretendemos responder a três tipos de desafios com que nos deparamos atualmente.

- 1_ *Desafios educativos*, dado tratar-se de processos educativos que vão além dos espaços e tempos formativos tradicionais e que requerem visões do mundo e concretizações que devem conter uma clara perspetiva educativa.
- 2_ *Desafios organizativos*, dado que uma determinada forma de centrar os processos educativos no voluntariado constitui um modo concreto de entender a organização sociovoluntária, na qual todos somos afetados pelas linhas de atuação destes itinerários educativos, onde não só falamos de voluntários, mas também de animadores de voluntariado, de redes de animadores, de referências de grupo, etc.
- 3_ *Desafios transformadores*, dado que o voluntariado não é um gestor social, mas sim um transformador do ambiente que nos rodeia e um agente dinamizador que trabalha para obter condições de vida dignas para os mais desfavorecidos.

COLEÇÃO A FUEGO LENTO		
	TÍTULO	AUTOR
DESAFIO EDUCATIVO	1_ Os itinerários educativos do voluntariado	Luis Aranguren
	2_ Acompanhamento na ação. A figura do animador ou animadora de voluntariado	Jully Rodríguez
	3_ Motivação da pessoa voluntária	Miguel Ángel Díaz
DESAFIO ORGANIZATIVO	4_ A referência de grupo do voluntariado	José Luis Pérez Álvarez
	5_ A participação do voluntariado no desenvolvimento da comunidade local	Alejandro Romero
	6_ Coordenação e ação voluntária	Enrique Arnanz Villalta
DESAFIO TRANSFORMADOR	7_ Presença pública do voluntariado	Sebastián Mora Rosado
	8_ Sociedade da informação e voluntariado	Carmen Laviña
	9_ Metodologias de análise da realidade global e local	Fernando de La Riva

A estrutura de cada um dos 9 cadernos da coleção é praticamente idêntica, consistindo em quatro secções diferentes:

- A. Conteúdo teórico do tema
- B. Propostas didáticas
- C. Vocabulário básico
- D. Bibliografia comentada

Os cadernos *A Fuego Lento* foram concebidos para serem trabalhados, mais do que lidos, para serem discutidos em grupo, mais do que «engolidos» individualmente, e para potenciarem, em última instância, o crescimento pessoal e coletivo do voluntariado e o reforço da qualidade da ação voluntária das nossas entidades e plataformas.

Luis A. Aranguren Gonzalo
Coordenador da Coleção *A Fuego Lento*, da Plataforma do Voluntariado de Espanha



ÍNDICE

15	I. CONTEÚDO TEÓRICO
17	1. Para nos entendermos (revisão dos conceitos)
19	2. Dispomos de mais informação do que nunca, mas sabemos menos do que nunca
21	3. Devemos conhecer o terreno que pisamos
22	4. A análise da realidade não se faz de um dia para o outro
23	5. Fazer o possível com aquilo que se tem
24	6. Atuar em conjunto (quem analisa)
26	7. O que queremos saber (sobre os objetivos da análise)
29	8. As fontes de informação (ou «a quem perguntar»)
32	9. A análise da realidade «PEAPA» (notas sobre os métodos)
32	9.1. O «P» de perguntar
35	9.2. O «E» de escutar
37	9.3. O «A» de analisar
37	9.3.1. Selecionar a informação pertinente
38	9.3.2. Organizar e classificar os dados e informações
38	9.3.3. Relacioná-los entre si
39	9.3.4. Interpretá-los, questioná-los, retirar conclusões
40	9.3.5. Elaborar ou completar o Mapa da Realidade
42	9.4. O «P» de priorizar
43	9.5. O «A» de atuar

45	10. As ferramentas para a análise
47	10.1. Para perguntar
48	10.2. Para escutar
49	10.3. Para analisar
50	10.4. Para priorizar
50	10.5. Para atuar
51	11. Pensar globalmente, atuar localmente e vice-versa (para que podemos utilizar a Internet)
52	12. O que fazer com a análise
55	II. CONTEÚDO PRÁTICO
57	1. Uma suposição...
60	2. A árvore de problemas e de respostas
62	3. Outra suposição...
63	4. A árvore social
66	5. A matriz DAFO
70	6. O caracol
71	7. Um questionário de autodiagnóstico da organização
73	III. UM VOCABULÁRIO PARA NOS ENTENDERMOS MELHOR
77	IV. BIBLIOGRAFIA COMENTADA



«Os pobres e os desamparados continuam condenados a viver num mundo de terríveis injustiças, oprimidos por gigantes económicos, inalcançáveis e aparentemente inalteráveis, de quem dependem quase sempre as autoridades políticas, mesmo as que são formalmente democráticas».

Norberto Bobbio

I.

CONTEÚDO TEÓRICO

1_ PARA NOS ENTENDERMOS (REVISÃO DOS CONCEITOS)

POR VEZES, do ponto de vista da prática quotidiana das Organizações de Ação Voluntária (adiante designadas OAV), é difícil reconhecermo-nos nos títulos de textos como este, pois sentimos que o que nos é proposto nada tem a ver connosco. Para que possamos entender-nos, vamos, pois, rever o significado do título do presente caderno.

METODOLOGIA, ALGO MAIS DO QUE MERAS «RECEITAS»

O termo metodologia remete-nos para métodos, mas é algo mais do que um «catálogo de receitas», talvez mais parecido com um «manual de utilização» que nos orienta sobre as formas de organizar os procedimentos que seguimos (métodos) e os instrumentos que utilizamos (técnicas) para atingir os objetivos pretendidos (neste caso, conhecer a realidade).

Para ser eficaz, qualquer metodologia exige persistência na sua aplicação, tempo, o cumprimento de determinadas etapas (não existem «receitas milagrosas»), bem como coerência entre os meios que empregamos e os valores que defendemos (não podemos promover a participação de forma autoritária, não podemos proteger o ambiente com meios que o contaminem, etc.).

ANALISAR PARA CONHECER E COMPREENDER (PARA PODER ATUAR)

Analisar implica estudar, observar e perguntar, interrogar-se, refletir, questionar, problematizar algo, um objeto de análise, uma determinada situação, a fim de a conhecer, compreender e melhor poder desenvolvê-la.

UMA REALIDADE COMPLEXA

O nosso objetivo é estudar, conhecer e compreender a realidade. Mas então, o que é a realidade?

Alguém afirmou que a realidade é «uma ficção com mil caras». Por um lado, nessa realidade, tal como a sentimos todos os dias, interagem diversos fatores distintos (pessoais, coletivos, políticos, económicos, culturais, sociais, religiosos, ambientais, etc.), surgindo-nos como um enorme quebra-cabeças, múltiplo e fragmentado.

Para complicar o conhecimento e a compreensão, vivemos tempos de mudanças e transformações profundas e vertiginosas em todos os domínios e sentidos. Vivemos num mundo em transformação, numa realidade em conflito permanente.

Do outro lado, encontramos a subjetividade, os valores, os filtros de cada um que condicionam as percepções no momento de compreender a realidade. Faz lembrar o velho conto Sufi sobre os cegos que quiseram saber como era um elefante, tendo cada um tocado numa parte diferente e chegado a conclusões díspares.

Portanto, não admira que, no meio de tanta fragmentação e complexidade, nos perguntemos se é possível conhecer a realidade, completar o quebra-cabeças, atingir uma visão objetiva, compreender sem dúvidas o que acontece em nosso redor.

Esta dificuldade evidente em conhecer e compreender TUDO pode tornar-se num excelente pretexto para renunciar a conhecer e não compreender NADA, para continuar a fazer tentativas às cegas.

É possível, para uma OAV (ou qualquer outra pessoa), agir e viver sem se questionar sobre a realidade em que vive a atua, sem a conhecer (até onde for possível), sem tentar compreendê-la? Não se pode transformar o que não se conhece.

Parece, pois, que não nos resta outra alternativa senão assumir a complexidade da realidade e uma boa dose de incerteza e modéstia e continuar a tentar conhecer, cada dia mais e melhor, o mundo em que vivemos para podermos transformá-lo.

O GLOBAL E O LOCAL

A realidade em que atuamos e que queremos transformar «cresceu» na nossa percepção, já não acaba na nossa rua, na nossa cidade, no nosso país, abrangendo todo o planeta. O local e o global cruzam-se, misturam-se, confundem-se continuamente. O que acontece num país distante influencia a nossa vida quotidiana e vice-versa. A globalização, tal como é praticada, também significa que as decisões tomadas por um pequeno grupo de pessoas definem o presente e o futuro de todas as outras.

Estes assuntos não costumavam ser debatidos nas OAV, tão fechadas que estavam cada uma na sua concha. Agora, a globalização está em todo o lado, transformada num «lugar comum», num vulgarismo que utilizamos sem pensar no seu significado e, sobretudo, nas suas consequências.

A realidade que nos compete conhecer e analisar, para orientar a nossa ação e permitir a sua transformação, é uma realidade simultaneamente local, próxima e global, parte de um mundo em conflito e em mudança. Se nos aproximarmos da realidade com base nesta dupla perspetiva, procurando compreender as relações, as influências, as interações, os equilíbrios, etc., dificilmente não conseguiremos entender alguma coisa.

O PRESENTE CADERNO descreve os métodos e as técnicas – bem como as formas de os utilizar – que nos serão úteis para conhecer e analisar a realidade local e global onde vivem as nossas organizações, a fim de podermos desenvolver eficazmente a ação e atingir os nossos objetivos de mudança e melhoria.

2_ DISPOMOS DE MAIS INFORMAÇÃO DO QUE NUNCA, MAS SABEMOS MENOS DO QUE NUNCA

A REVOLUÇÃO tecnológica, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massas e das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e o surgimento da Internet permitem-nos aceder muito rapidamente a uma impressionante quantidade (nem sempre com qualidade) de informação sobre o mundo onde vivemos. Mas isto não representa nenhuma garantia de conhecimento.

Este é o problema da saturação informativa. A informação disponível é tanta que temos sérias dificuldades em distinguir e relacionar a que tem mais significado, a que faz mais sentido, a que nos é útil, a que nos permite compreender e atuar. O resultado é, frequentemente, a confusão e o bloqueio, a ignorância. Perdemos-nos na floresta sem conseguir distinguir as árvores.

Esta confusão geral facilita a manipulação da informação em função dos interesses de quem controla os meios de comunicação. Basta fazer o exercício de comparar o tratamento de um mesmo acontecimento nos títulos de diferentes jornais ou nos serviços noticiosos de diferentes cadeias de televisão. O mito da «objetividade informativa» desfaz-se em pedaços, colocando em evidência a manipulação sistemática dos meios de comunicação: cada um conta o que quer e como quer, para que pensemos o que quer que pensemos.

Em suma, nunca tivemos tanta informação, mas não entendemos nada, não sabemos nada do que se passa. Longe de nos fazer renunciar ao conhecimento, tudo isto nos obriga a fazer um maior esforço, pessoal e coletivo, no sentido de o construir.

Como afirma Bill Gates, proprietário da Microsoft, estamos perante o desafio da «gestão do conhecimento», porque o futuro não será de quem tiver mais informação (o que será relativamente fácil), mas sim de quem, no meio de todo este turbilhão informativo, souber selecionar e interpretar a informação necessária e útil para os seus objetivos.

Os movimentos sociais e as OAV enfrentam o desafio adicional da «gestão coletiva» do conhecimento, ou seja, de procurar, selecionar e dar sentido a toda a informação, de construir conhecimentos em conjunto, em grupo, trabalhando em equipa.

_ Possibilidade tecnológica de acesso rápido a um enorme volume de informação.

_ Risco de saturação informativa. Tanta informação perde significado.

_ Risco de manipulação informativa. Contam-nos o que querem que saibamos.

_ Necessidade de «gestão do conhecimento», seleção e interpretação da informação.

_ Desafio da construção e gestão coletiva de conhecimentos nas OAV.

3_ DEVEMOS CONHECER O TERRENO QUE PISAMOS

PARA CONTRIBUIR para a construção de Outro Mundo Possível, para dar sentido ao trabalho da nossa OAV, para poder desenvolver eficazmente a sua ação, precisamos obrigatoriamente de estudar, observar, conhecer e analisar o território, a comunidade onde vivem as pessoas com quem trabalhamos, onde atuam as nossas organizações, onde se encontram as necessidades, os problemas, os conflitos concretos – com todos os pormenores – a que queremos dar resposta.

No processo de conhecimento e análise da realidade, também vamos identificar as capacidades, os recursos, os meios, as potencialidades nela existentes, dos quais devemos tirar partido para organizar e desenvolver a ação transformadora.

A nossa ação (projetos e atividades) poderá assumir diferentes formas, abordar diferentes problemas, utilizar diferentes métodos, conseguir e aproveitar determinados recursos, em função da realidade em que vivemos. A análise da realidade local é imprescindível para poder conhecê-la, compreendê-la e orientar a nossa ação nessa mesma realidade (de outra forma, «caminharemos às cegas»).

O que acontece em torno da OAV (carências, necessidades, recursos, potencialidades, ameaças, oportunidades, etc.) condiciona a sua ação e organização. Do mesmo modo, a nossa ação e organização muda, ou pode mudar, a realidade da qual fazemos parte. Por isso é tão importante conhecer e compreender – até onde for possível – como é, porquê e como funciona o sistema social onde vive e atua a nossa organização.

A situação da nossa própria organização (como realizamos as atividades, como organizamos o trabalho, a comunicação, a tomada de decisões, a busca e gestão de recursos, a comunicação e coordenação com outras OAV, etc.) faz parte da realidade, pelo que também devemos observá-la, conhecê-la e compreendê-la para podermos melhorá-la.

- _ Conhecer melhor a realidade para planejar e orientar o sentido e o caráter dos nossos projetos e das nossas formas de organização a partir dessa análise.*
- _ Conhecer a realidade para identificar os meios e os recursos que nos podem ser úteis para a transformarmos.*
- _ A realidade da nossa organização é parte da Realidade, pelo que também é necessário analisá-la para a podermos melhorar.*

4_ A ANÁLISE DA REALIDADE NÃO SE FAZ DE UM DIA PARA O OUTRO

A REALIDADE está sempre a mudar em consequência da interação entre as pessoas e os grupos, de um conjunto de fatores (sociais, culturais, políticos, económicos, etc.) e em resultado da ação das nossas OAV. Por outro lado, as nossas OAV também estão em constante mudança.

Como tal, o conhecimento e a análise da realidade não devem ser vistos como um «momento prévio» à ação, ou como uma «imagem fixa» que se capta uma vez e permanece inalterável para todo o sempre. A análise deve ser permanente, contínua, deve acompanhar a ação em todas as suas fases, embora deva ser reforçada e definida em determinados momentos (no início de um processo concreto, na avaliação final de um projeto, etc.). **A análise da realidade não é um «antes», mas sim um «durante».**

É muito importante encontrar, em cada OAV, as formas de integrar o conhecimento e a análise da realidade na prática habitual, de incorporar esse «chip», integrá-lo como mais um elemento dos nossos programas e atividades, aproveitar todas as oportunidades que nos são oferecidas pela prática para rever e completar o nosso conhecimento e a nossa análise.

É nessa integração que reside a única possibilidade de reagir com flexibilidade às mudanças imprevistas, identificando-as a tempo e introduzindo com agilidade as reorientações necessárias na ação.

- _ *Uma realidade em constante mudança requer uma análise permanente.*
- _ *A análise da realidade não é uma imagem fixa, mas sim um «durante» que acompanha toda a ação.*
- _ *Integrar a análise na nossa prática quotidiana, aproveitar as oportunidades de conhecimento que esta nos oferece.*

5_ FAZER O POSSÍVEL COM AQUILO QUE SE TEM

ESTA CONSTATAÇÃO óbvia era uma máxima metodológica de Saul Alinsky, um dos ativistas e pensadores de intervenção social mais originais que já conhecemos. Propõe – para qualquer situação –, que se aproveite ao máximo os recursos disponíveis para chegar o mais longe possível no nosso objetivo.

Se dispusermos de muitos meios para a análise, devemos aproveitá-los com cautela e com a certeza de que os estudos mais corretos e úteis nem sempre são os mais caros ou apoiados por mais títulos universitários. Por outro lado, como veremos um pouco mais adiante, um determinado estudo ou análise da realidade pode ser muito bom, mas não servir para nada se não existir um sentido de apropriação entre as pessoas que trabalham e crescem nessa realidade. Isso faz com que seja recomendável, em qualquer dos casos, aproveitar ao máximo os nossos próprios recursos (sobretudo os recursos humanos e o conhecimento e experiência acumulados), sendo possível utilizar outros recursos externos (caso os tenhamos ao nosso dispor) para completar, aprofundar ou validar a nossa análise.

Precisamos de conhecer e analisar a realidade e devemos fazê-lo com os meios de que dispusermos em cada caso e situação. Não podemos usar a falta de recursos como desculpa. Trata-se de uma necessidade prioritária para poder dar sentido à ação da nossa OAV. Se não encontrarmos tempo nem meios para o fazer, estaremos a esquecer uma questão fundamental, sendo preferível parar e rever a fundo o sentido da nossa ação e da nossa organização.

Existem análises da realidade «para todos os bolsos», à medida de cada OAV. A motivação (consciência da necessidade) e a atitude (decisão, compromisso em ir em frente) são mais importantes do que os meios. No entanto, também devemos ser muito realistas, definindo objetivos ou dimensões da análise que tenham em conta as nossas capacidades e recursos efetivos.

A análise deve ser séria, sistemática, coerente, realizada com ferramentas adequadas, o que não significa elaborar bons documentos para acumular pó nas estantes, mas sim construir conhecimentos necessários e úteis para a ação.

_ Aproveitar ao máximo os nossos próprios recursos de conhecimento e análise.

_ Utilizar outros recursos externos, caso existam, para completar, comparar e validar as nossas análises.

_ A «falta» de recursos não é desculpa. Motivação e atitude para conhecer e analisar a realidade, «à medida» de cada OAV. Realismo nos objetivos da análise.

_ Sistematização e rigor para construir conhecimentos e análises funcionais e úteis para a ação.

6_ ATUAR EM CONJUNTO (QUEM ANALISA)

O CONHECIMENTO e a análise da realidade interessam, fundamentalmente, às pessoas que deles precisam para orientar e melhorar a sua prática, a sua intervenção social. São elas que devem participar na análise e protagonizá-la.

Quando a análise da realidade é efetuada em conjunto, em grupo, torna-se mais rica e eficaz. Quatro olhos veem melhor do que dois, duas cabeças pensam melhor do que uma, embora seja sempre importante assegurarmo-nos de que olhamos todos na mesma direção e pensamos da mesma forma.

Contudo, além disso, a análise coletiva da realidade pode ser um forte elemento de motivação, uma vez que reforça a identificação do grupo, da OAV e dos beneficiários da nossa ação em torno do problema, da situação em análise e em torno das estratégias e respostas possíveis.

Podemos e devemos envolver os outros membros da nossa OAV na concepção e preparação da análise, na recolha de informação, na sua comparação e interpretação, na obtenção e aplicação de conclusões para a ação, etc. Podemos fazê-lo em parte ou na totalidade destas tarefas. Quanto maior for o envolvimento, mais rica e completa será a análise e mais forte será a nossa coesão.

Quando os membros de uma OAV partilham a análise da realidade, a sua capacidade de atuação coletiva é reforçada, visto ser mais fácil participar numa ação cuja necessidade e sentido se compreende, o que acaba também por facilitar o planeamento, a coordenação e a avaliação.

O mesmo acontece com os beneficiários da ação da OAV: se conseguirmos envolvê-los ativamente no conhecimento da realidade e na sua análise, a sua motivação para dar resposta aos problemas e necessidades identificados será reforçada.

É neste princípio que assenta a Investigação Ação Participativa (IAP), uma metodologia de intervenção social que aposta no conhecimento participativo da realidade como forma de tomar consciência das organizações e grupos sociais e como forma de aprendizagem de novas capacidades coletivas (de conhecimento, interpretação, auto-organização, ação, etc.) para transformar a sua realidade.

Por outras palavras, consoante a nossa capacidade de envolver novos atores, o conhecimento e a análise da realidade podem chegar a tornar-se numa forma de intervenção da nossa OAV, numa parte fundamental das suas ações e atividades.

- _ A análise coletiva da realidade é um poderoso fator de motivação e coesão dos membros da nossa OAV e facilita a organização e o desenvolvimento da ação. nossa OAV e facilita a organização e o desenvolvimento da ação.*
- _ Envolver os beneficiários na análise para facilitar a tomada de consciência das suas necessidades e potencialidades.*
- _ O conhecimento e análise coletiva e participativa da realidade como forma de intervenção.*

7_ O QUE QUEREMOS SABER (SOBRE OS OBJETIVOS DA ANÁLISE)

O PRIMEIRO ASPETO a definir é: o que queremos saber? Qual o âmbito da nossa análise?

O objetivo da análise não é escolhido ao acaso, mas sim determinado pelas necessidades da OAV, pelo caráter da sua missão ou especialização temática, pelo território onde atua, pelo perfil dos beneficiários com quem trabalha, etc. A combinação de todos estes fatores determina os objetivos da análise.

Quando uma OAV decide efetuar uma análise da sua realidade, costuma fazê-lo com alguns objetivos fundamentais:

- _ Conhecer melhor as situações, os problemas e as necessidades sobre os quais a OAV atua ou pretende atuar, o seu alcance, as suas causas, as suas consequências, a sua dimensão, etc.*
- _ Garantir um melhor conhecimento das pessoas ou grupos sociais a quem é dirigida a ação, conhecer melhor as suas carências e necessidades, assim como os seus recursos e potencialidades.*

- _ Identificar e conhecer melhor os obstáculos e resistências (sociais, culturais, políticos, económicos, etc.) em torno da atuação da OAV – com maior ou menor proximidade – e que dificultam a solução dos problemas ou a resposta às necessidades.
- _ Conhecer melhor todo o tipo de oportunidades, recursos e potencialidades (humanos, económicos, materiais, teóricos, técnicos, programas institucionais ou sociais, serviços, equipamentos, projetos, ideias ou práticas, etc.) disponíveis que possam contribuir para a introdução das mudanças ou melhorias necessárias.
- _ Todos estes aspetos (carências, necessidades, potencialidades, recursos, obstáculos, oportunidades, etc.) são importantes por si só, mas tornam-se mais interessantes pelas suas ligações e relações. Através da análise, pretendemos obter uma visão de conjunto da realidade onde desenvolvemos a nossa prática, de modo a poder organizá-la e realizá-la de forma adequada e com a máxima eficácia.

O alcance e a profundidade da análise da realidade variará em função das nossas necessidades (conforme queiramos levar a cabo uma pequena atividade ou um grande projeto, junto de um grupo reduzido ou de uma população mais vasta, num pequeno bairro ou num território extenso, etc.) e dependerá dos recursos disponíveis.

O nosso olhar pode abranger o conjunto do meio envolvente, do bairro, do local, do território, da comunidade onde atua a OAV, onde vivem os seus beneficiários, onde ocorrem os problemas ou situações sobre os quais pretende intervir, etc.

A perspetiva pode ser ampliada, analisando a realidade regional, nacional, ou internacional, bem como as relações e os fatores de caráter global que influenciam a nossa realidade mais imediata.

Também podemos centrar a atenção na situação concreta dos grupos sociais (jovens, idosos, determinados grupos em situação de exclusão, etc.) a quem dirigimos a ação.

Podemos analisar um problema concreto ou uma determinada situação existente no meio que nos rodeia ou que afeta as pessoas com quem trabalhamos (degradação ambiental, insucesso escolar, saúde, consumo, etc.).

Podemos dirigir a análise para a situação da nossa própria OAV ou para um aspeto concreto do seu funcionamento ou atuação (os seus projetos, estruturas de participação, relações entre os membros, gestão dos recursos, comunicação com o meio envolvente, etc.). O autodiagnóstico associativo e a avaliação constituem formas e aplicações da análise.

Como já referido, o primeiro aspeto a ter sempre em conta é definir claramente o que queremos e devemos conhecer, o âmbito da nossa análise (um problema, uma situação, um grupo, uma comunidade, a nossa organização...), sem esquecer que, ao incidir sobre realidades mais concretas e próximas, não devemos perder de vista a perspetiva mais ampla e global, sem a qual será difícil compreender a realidade mais imediata.

Cada uma das nossas análises «parciais», relacionadas com uma situação ou problemática concreta, um grupo de pessoas, uma parte do território (um bairro, uma zona), etc., resultantes de um projeto ou iniciativa pontual, deve ser integrada na análise global, no nosso Mapa da Realidade, questionando e/ou confirmando as perceções e conhecimentos anteriores, construindo uma nova visão mais completa e complexa que sirva para melhorar as nossas práticas. Só assim se tornarão permanentes, contínuos e globais o conhecimento e a análise, os quais nunca acabam, acompanhando toda a prática da organização.

- _ Conhecer melhor as situações e os problemas, as pessoas e os grupos sociais com quem trabalhamos e aos quais pretendemos dirigir a ação.*
- _ Conhecer melhor os obstáculos e resistências, bem como os recursos e potencialidades que dificultam ou facilitam as mudanças e as melhorias.*
- _ Ter uma visão global da nossa prática e da realidade onde esta é desenvolvida.*
- _ O alcance da análise dependerá das necessidades da ação e dos recursos disponíveis. Independentemente do seu âmbito, devemos ter sempre em conta o contexto geral ou a realidade global.*
- _ Integrar as análises parciais, resultantes de uma iniciativa concreta, na análise global da OAV, para que esta se torne permanente.*

8_ AS FONTES DE INFORMAÇÃO (OU «A QUEM PERGUNTAR»)

A REALIDADE mais próxima está repleta de fontes informativas, de informadores, informações e dados disponíveis, com os quais podemos construir a análise da realidade:

- _ Os nossos próprios membros, associados, voluntários e pessoal técnico contratado, simpatizantes e colaboradores da OAV, que têm conhecimentos, experiências, opiniões e percepções próprias acerca da realidade e que podem tecer observações ou recolher informações concretas, centradas num ou noutro aspeto.

As OAV produzem um enorme volume de documentação (relatórios, projetos, memórias, avaliações, atas de reuniões, documentos técnicos, etc.) decorrente do seu funcionamento interno ou das suas atividades, cheia de informação e dados interessantes sobre a realidade. Geralmente, pouco ou nada aproveitamos dessa fonte fundamental que constitui o património coletivo da experiência acumulada pela nossa OAV. Quanto mais organizada estiver a documentação e a memória coletiva, mais fácil será consultá-la, mais importante será o seu contributo e aproveitamento para a análise (com maior economia de esforços e rentabilização dos nossos próprios recursos).

- _ Os beneficiários das nossas atividades e utilizadores e participantes nos nossos serviços e iniciativas. As suas vivências, experiências, opiniões, percepções, etc., acerca da sua própria realidade e da nossa OAV são fontes fundamentais para a análise.
- _ Outros atores, OAV, organizações, entidades sociais, instituições, etc., que atuam no mesmo território, com os mesmos beneficiários ou em torno dos mesmos problemas. Estes fazem as suas próprias análises, têm as suas próprias visões – da perspectiva de cada um – sobre a realidade. Conhecer-las contribuirá com novas pistas e elementos para a análise.
- _ Os informadores mais importantes da comunidade, as pessoas com mais experiência ou memória, que desempenham papéis ou funções que os colocam em contacto direto com os beneficiários, as suas necessidades e problemas, comunicadores, líderes sociais, religiosos, culturais, etc., que podem contribuir com novos dados e pontos de vista.

- _ A comunidade em geral, que podemos consultar através de ferramentas mais abrangentes (sempre que possível) para determinar a sua perceção ou nível de conhecimento sobre o objeto (problema, situação, assunto...) da nossa análise.
- _ Investigadores e especialistas, profissionais, técnicos, membros de instituições académicas que já tenham estudado a mesma realidade e os mesmos temas de análise sobre os quais recai agora a nossa atenção. Por exemplo, a nossa análise pode melhorar muito se conseguirmos envolver uma universidade e contar com o seu apoio, para que a reforce sem a desvirtuar.
- _ Responsáveis públicos, políticos e técnicos com competências nos campos analisados.
- _ Meios de comunicação, jornais, rádios e televisões, que publicam ou publicaram notícias, reportagens, artigos sobre a realidade ou os temas da nossa análise. Estas informações irão ajudar-nos a identificar as formas como se projeta socialmente a realidade ou problemática em questão.
- _ Estudos, investigações, etc., publicados por diversas entidades, disponíveis em bibliotecas públicas e instituições oficiais sobre o mesmo problema ou realidade que pretendemos analisar.
- _ Outros produtos e expressões socioculturais (canções, relatos, costumes, tradições e outras formas de expressão) dos vários grupos, da realidade analisada, através dos quais se manifestam perceções, valores e comportamentos sociais.
- _ Obviamente, a Internet. Para muitas OAV, continua a ser encarada como ficção científica, mas trata-se de uma realidade presente. Na Internet podemos encontrar uma vasta diversidade de informações, experiências, reflexões, estudos, opiniões, etc., de muitas outras pessoas e grupos, OAV e entidades públicas que analisam e/ou atuam em realidades e situações idênticas, as quais serão extremamente úteis para a nossa análise, facilitando-a e completando-a em grande medida.

De todas estas fontes podemos retirar uma grande quantidade de informação para analisar. Compete-nos saber consultá-las, saber perguntar e ouvir, saber recolher opiniões, perceções e ideias, saber comparar e interpretar, para assim ir construindo a análise.

Devemos começar por «beber das fontes mais próximas», recorrer desde logo aos informadores mais próximos da nossa OAV. Começar pelos próprios membros (evitando que as suas percepções se transformem em «preconceitos» que condicionem o resto da análise), pelos voluntários, colaboradores e simpatizantes, beneficiários e, dessa forma, ir ampliando o círculo da análise.

Na medida das nossas possibilidades, podemos e devemos juntar e combinar diferentes fontes de informação. Será sempre conveniente contar com várias fontes para poder comparar os dados e opiniões recolhidos, por forma a que a análise seja tão válida quanto possível.

- _ Às pessoas que compõem a OAV, seus colaboradores e simpatizantes. A nossa prática, a nossa experiência, o conhecimento acumulado da nossa ação.*
- _ Aos beneficiários das nossas ações.*
- _ A outros atores, outras OAV que atuam no mesmo território, junto das mesmas pessoas, em torno dos mesmos temas.*
- _ A investigadores e especialistas.*
- _ Aos principais informadores da comunidade.*
- _ À comunidade em geral.*
- _ A responsáveis políticos e técnicos.*
- _ Aos meios de comunicação.*
- _ A estudos e investigações anteriores.*
- _ A outros produtos e formas de expressão sociocultural.*
- _ À Internet.*
- _ Começar pelas fontes mais próximas e ir alargando o círculo.*
- _ Juntar e combinar várias fontes de informação para as validar e comparar.*

9_ A ANÁLISE DA REALIDADE «PEAPA» (NOTAS SOBRE OS MÉTODOS)

COMO JÁ referimos, são muitas as formas como podemos proceder à análise, dependendo de um conjunto de fatores e dos recursos disponíveis.

Seguidamente, iremos propor um esquema simples dos passos fundamentais, dos procedimentos básicos ou dos métodos a seguir, dos quais cada OAV pode partir para organizar, com maior ou menor complexidade, o conhecimento e a análise da sua realidade, independentemente do nível de recursos de que disponha.

9.1_ O «P» DE PERGUNTAR

Partimos do princípio de que já está bem definido o problema, a situação, a realidade que queremos analisar (se assim não for, deverá ser essa a primeira tarefa). Isso ajudar-nos-á a identificar as fontes de informação mais apropriadas, a seleccionar os informadores mais adequados a cada caso (os que tenham uma relação mais direta com a situação, o grupo, o território que vamos analisar, começando pelos mais próximos da OAV e ampliando o círculo na medida do possível).

O nosso trabalho junto desses informadores, nesta etapa da análise, consistirá fundamentalmente em colocar perguntas. A pergunta é uma ferramenta essencial do conhecimento. Dificilmente conseguiremos fazer perguntas a outras pessoas se, previamente, não tivermos perguntado e colocado questões a nós próprios.

Assim sendo, devemos seleccionar e elaborar as perguntas relacionadas com a situação ou realidade a estudar e que iremos colocar aos nossos diferentes informadores ou às quais tentaremos responder através da consulta de outras fontes.

Carlos Núñez, educador popular mexicano, propõe-nos, no seu livro *Educar para transformar, transformar para educar*, um «tríplo diagnóstico» da realidade que destaca três aspetos fundamentais a conhecer:

- 1_ O que acontece, o que se passa, o que existe nessa realidade. Corresponde aos dados «objetivos», relacionados com necessidades e problemas, mas também às capacidades e recursos existentes nessa realidade, nesse grupo, nessa comunidade, nesse território.
- 2_ O que pensam, sentem e dizem sobre essa realidade aqueles que nela vivem, os grupos sociais, os beneficiários da nossa ação, a sua percepção, os seus valores, as suas formas de interpretar o que acontece.
- 3_ O que fazem, o que deixam de fazer, as suas atitudes e respostas perante as necessidades e os problemas existentes nessa realidade.

Cada um destes pontos de incidência levanta determinados tipos de questões que devemos explorar na análise: as que se referem ao contexto, as que se referem à percepção, à interpretação e aos valores, e as que se referem às práticas e respostas sociais.

Para formularmos as questões, podemos recorrer a vários tipos e categorias de perguntas que podem ser encontradas nos textos especializados. Existe um grupo clássico de perguntas que se referem a questões básicas: O quê? Porquê? Para quê? Quem? Para quem? Como? Quanto? Quando? Onde?, etc.

As perguntas podem ser **quantitativas**, quando os dados e informações que procuramos se referem a fenómenos traduzíveis em números ou dados objetivos (o quê, quem, quanto, quando, desde quando, onde. Por exemplo, «quantas pessoas conhecem as atividades da nossa OAV?»). Também podem ser **qualitativas**, quando procuramos conhecer processos, fenómenos ou situações não quantificáveis (porquê, para quê, para quem, como. Por exemplo, «porque é que os jovens não participam nas atividades programadas para eles?»).

Além disso, as perguntas também podem ser **fechadas** ou **abertas**. As perguntas fechadas podem ser escolhidas entre duas alternativas, exigem respostas curtas e concretas, geralmente «sim» ou «não» («conhece as atividades realizadas pela OAV?»). No caso das perguntas abertas, as respostas podem ser mais amplas, sem se limitarem a opções previamente indicadas, permitindo que os informadores se expressem livremente («das atividades que conhece, quais são as que mais lhe agradam?»). Quantas mais possibilidades de resposta tiverem as nossas perguntas, mais abertas serão («de entre estas cinco atividades, quais lhe parecem mais adequadas às necessidades do bairro?»).

Quanto mais claras e compreensíveis forem as nossas perguntas, mais fácil será obter as respostas e proceder à sua organização, sistematização e classificação posteriores.

As perguntas devem ser as mesmas, abordar as mesmas questões, as mesmas perguntas para todos os informadores, embora possam assumir diferentes formas em função dos nossos interlocutores, do contexto, do momento, do tempo disponível, etc., utilizando diversos suportes e linguagens, por exemplo: através da palavra, como numa entrevista, através de um texto escrito, como num questionário ou inquérito, através de um cartaz ou de uma imagem gráfica, como nos painéis de opinião ou de avaliação, etc. Mais adiante, falaremos mais detalhadamente das ferramentas.

As perguntas devem ser as suficientes, nem muitas (quanto maior o número de perguntas e informadores, mais difícil será registar e processar posteriormente as respostas), nem poucas (de modo a obter informações pertinentes). De um modo geral, quanto mais concreto for o âmbito da nossa análise e mais reduzido o número de informadores e fontes, maior poderá ser a quantidade e profundidade das perguntas. Em contrapartida, quanto mais ampla for a realidade analisada e maior o número de fontes e informadores que precisarmos de consultar, devemos limitar as perguntas e as questões para não nos dispersarmos na análise.

_ Definir o problema ou objeto e o âmbito da análise.

_ Selecionar as fontes mais adequadas.

_ Selecionar as perguntas-chave.

_ Perguntas relativas ao contexto, à percepção e às respostas sociais.

_ Perguntas que facilitem a sistematização. Perguntas quantitativas e qualitativas. Perguntas fechadas e abertas. O número suficiente de perguntas.

_ Formulá-las de forma correta, recorrendo às ferramentas e linguagens adequadas a cada informador ou fonte, contexto, momento, etc.

9.2_ O «E» DE ESCUTAR

Não analisamos a realidade para afirmar a nossa própria percepção das coisas, para confirmar hipóteses que previamente colocámos (por importantes e necessárias que sejam), mas sim para construir uma nova visão (um novo nível de conhecimento) mais completa e complexa que nos permita um melhor desenvolvimento nessa realidade.

Escutar significa mais do que ouvir educadamente (embora isso também seja imprescindível), implicando também receber, reunir e registar todas as opiniões, informações e dados que obtemos em resposta às nossas perguntas, independentemente da sua partilha e da fonte de informação.

Escutar ativamente pressupõe uma atitude de interesse, atenção, respeito pelas opiniões e informações que recebemos, uma disposição e uma vontade de entender o sentido daquilo que os outros nos comunicam.

Escutar também significa saber ler a documentação de que dispomos, procurar e retirar a informação que nos interessa, a que dá resposta às perguntas colocadas nos textos, relatórios, estudos, estatísticas, etc. que estão ao nosso alcance. Regra geral, este trabalho de leitura e análise deve ser o primeiro passo, mesmo antes de começarmos a perguntar, pois irá ajudar-nos a verificar se as nossas hipóteses de análise estão devidamente orientadas e centradas, para além de facilitar a concretização das perguntas.

No entanto, em qualquer dos casos, esta informação deve ser processada, recolhida e registada com a máxima fiabilidade, de modo a permitir a sua análise posterior. Os meios utilizados para recolher e registar a informação devem ser simples, fáceis de compreender e aplicar por parte de quem participa no processo de escuta e facilmente consultáveis sempre que necessário.

Podemos utilizar meios e suportes muito diversos para recolher e registar a informação, como veremos em pormenor mais adiante, empregando e combinando diferentes linguagens e formas (fichas, fotos, vídeos, gravações, testemunhos e questionários escritos, fichas estatísticas, quadros de folhas móveis, cartões, memórias, etc.).

Frequentemente, as atividades das nossas OAV podem constituir excelentes ocasiões e espaços de escuta, uma vez que nos permitem conhecer as opiniões e percepções de muitas pessoas (por exemplo, dedicando alguns minutos finais à avaliação da atividade). Ao mesmo tempo, estas atividades (conversas, debates, colóquios, ações de formação, elaboração de projetos, etc.) podem dar origem – sobretudo se o fizermos intencionalmente – a uma grande quantidade de informação sobre a realidade que poderemos aproveitar para a nossa análise.

Quando as OAV utilizam técnicas de trabalho de grupo no seu funcionamento interno ou no desempenho das suas atividades (como o brainstorming, a matriz DAFO e muitas outras), estas facilitam o registo das opiniões e informações obtidas (os próprios cartões, quadros de folhas móveis ou esquemas servem de apoio) e o seu tratamento posterior. Por conseguinte, reiteramos que a própria prática da nossa OAV pode e deve ser uma fonte fundamental para o conhecimento e a análise da realidade.

Podemos identificar e fazer uma primeira classificação dos dados que recolhemos, utilizando e combinando diferentes critérios de registo: por fontes, por temas ou questões, pelo carácter dos dados (quantitativos, qualitativos), por tipos de suporte (documentos escritos, gráficos, testemunhos orais, etc.), de modo a facilitar a sua consulta e análise posterior. É importante que os critérios utilizados sejam os mesmos para todas as pessoas que intervêm na análise, sobretudo para as responsáveis pela classificação, organização, análise e interpretação dos dados.

- _ Ouvir com atenção e interesse todas as fontes e opiniões.*
- _ Selecionar a informação que nos interessa nos textos e documentos consultados.*
- _ Recolher e registar com fidelidade as informações e os dados obtidos em resposta às nossas perguntas.*
- _ Utilizar métodos de recolha e registo de informação que sejam fáceis de compreender, aplicar e consultar pelos participantes na análise.*
- _ Aproveitar as atividades como fonte de informação e os métodos de trabalho como forma de registo.*
- _ Fazer uma classificação preliminar – com critérios comuns – das informações que facilite a sua análise posterior.*

9.3_ O «A» DE ANALISAR

Depois de perguntar e escutar, devemos processar e analisar a informação de que dispomos, o que corresponde, basicamente, à realização das seguintes tarefas:

- _ Selecionar a informação pertinente.
- _ Organizar e classificar os dados e informações.
- _ Relacioná-los entre si.
- _ Interpretá-los, questioná-los, retirar conclusões.
- _ Elaborar ou completar o nosso Mapa da Realidade.

9.3.1_ SELECIONAR A INFORMAÇÃO PERTINENTE

Quanto maior for o alcance da nossa análise, maior o número de pessoas e fontes consultadas, mais extenso o território, etc., maior será também o volume, a diversidade e a complexidade da informação recolhida através do processo de perguntar e escutar.

Em qualquer dos casos, independentemente da dimensão da análise, será necessário discriminar os dados mais significativos, aqueles que transmitem informações pertinentes relacionadas com as perguntas para as quais procuramos resposta.

Esse trabalho será tanto mais fácil quanto mais tiver sido tomado em consideração no momento de selecionar e elaborar as perguntas e de recolher, registar e fazer uma primeira classificação das respostas. Seja como for, é nesta fase que devemos separar o trigo do joio, ou seja, separar as informações pouco importantes daquelas que vão ao fundo da questão.

9.3.2_ ORGANIZAR E CLASSIFICAR OS DADOS E INFORMAÇÕES

Com ou sem classificação prévia, compete-nos agora organizar as informações de que dispomos para podermos compará-las e questioná-las. Podemos fazê-lo seguindo e/ou combinando diferentes critérios, por exemplo:

- _ Aspectos **positivos** (relacionados com capacidades, pontos fortes, recursos, valores, oportunidades, potencialidades, vantagens, etc.) e **negativos** (relacionados com carências, deficiências, necessidades, ameaças, obstáculos, desvantagens, etc.).
- _ Aspectos **quantitativos** (relacionados com dados, números, estatísticas, etc.) e **qualitativos** (relacionados com processos, fenômenos ou situações não quantificáveis).
- _ Aspectos **objetivos** (apoiados em dados comprováveis) e **subjetivos** (apoiados na percepção dos sujeitos consultados).
- _ Aspectos **conjunturais** (relacionados com situações ou circunstâncias transitórias) e **estruturais** (relacionados com situações ou circunstâncias permanentes resultantes do modelo de organização social).
- _ Aspectos **locais** (relacionados com situações que têm a sua origem e expressão no meio envolvente mais próximo) e **globais** (com origem num âmbito que transcende o local, embora se manifestem no meio envolvente mais próximo).

Uma mesma informação pode responder a vários destes critérios, que não se excluem entre si, sendo sim complementares.

9.3.3_ RELACIONÁ-LOS ENTRE SI

Os dados brutos não têm significado por si só, a não ser na medida em que se inter-relacionam e interligam, na medida em que servem para explicar e compreender a realidade. Quanto mais selecionados, identificados e organizados estiverem, mais fácil será relacioná-los.

Devemos **comparar** as informações entre si, entre diferentes fontes (O que dizem as administrações? O que dizem os utilizadores?) e entre tipos de dados (O que dizem os dados objetivos, comprováveis? Que percepção têm os sujeitos? O que dizem os dados quantitativos sobre a escolarização? O que dizem os dados qualitativos sobre as razões para o insucesso escolar?). Devemos identificar as concordâncias (para as validar como informações fiáveis) e as discrepâncias (para continuar a investigá-las) resultantes da comparação das informações disponíveis.

Também devemos estabelecer **relações** entre todos os dados. Distinguir causas de efeitos, identificar as situações que estão na origem de um problema, necessidade ou conflito, diferenciá-las das respetivas consequências. Identificar as influências positivas e negativas sobre uma situação, os fatores que facilitam ou dificultam em maior medida a solução de um problema.

Ter em conta os três pontos de incidência do triplo diagnóstico de que já falámos anteriormente: o que acontece (dados objetivos), o que pensam os outros (percepção subjetiva) e o que fazem (prática social). Comparados entre si, estes dados permitem-nos obter uma visão, um conhecimento mais dialético, menos «plano» da realidade.

De qualquer forma, a visualização dos dados relacionados permitir-nos-á comprovar se existem lacunas ou deficiências na nossa análise que possam ser colmatadas através da recolha de novas informações.

9.3.4_ INTERPRETÁ-LOS, QUESTIONÁ-LOS, RETIRAR CONCLUSÕES

Não existe uma análise «neutra», mesmo que se queira, como adverte o educador brasileiro Paulo Freire. A partir do momento em que selecionados o problema, o objeto da análise, em que preparamos as perguntas, selecionamos os informadores, etc., fazemo-lo com base nos nossos valores. Não pode ser de outra forma, pelo que é importante e necessário estarmos conscientes disso.

Porém, uma coisa é assumirmos conscientemente os nossos valores, outra coisa é transformá-los em vendas que nos tapam os olhos e nos fechem a novos conhecimentos e aprendizagens, transformando-os em dogmas incontestáveis ou em verdades absolutas. Também devemos ser críticos com as nossas próprias crenças e convicções, revê-las, questioná-las.

Em qualquer dos casos, devemos ser o mais objetivos possível na fase de pergunta e escuta, mas, no momento de analisar, estabelecer prioridades e atuar, os nossos valores devem ser uma referência obrigatória. Sobre uma mesma realidade, inclusivamente sobre os mesmos dados e informações, as conclusões variarão de acordo com quem os interpreta, da sua perspetiva e dos seus princípios e valores.

A nossa análise é crítica, não se conforma com as interpretações estabelecidas, questiona-as, faz perguntas sobre elas, sempre com base nos valores de cada OAV (solidariedade, liberdade, justiça social, cooperação, igualdade de direitos, democracia e participação, transparência, ética, respeito e proteção da natureza, etc.).

Seria muito recomendável, sempre que possível, mostrar e comparar as opiniões e conclusões provisórias com os informadores, sobretudo aqueles que vivem a realidade ou situação analisada (restantes pessoas e intervenientes, beneficiários ou participantes num determinado programa, etc.) para validar e construir novas conclusões.

9.3.5_ ELABORAR OU COMPLETAR O MAPA DA REALIDADE

Esta tarefa consiste em encaixar as peças do quebra-cabeças, ligando e relacionando entre si – a partir da nossa própria perspetiva e dos valores de cada OAV – as informações com que contamos, de modo a podermos compreender, na medida do possível, o que sucede em relação à realidade, ao problema ou ao objeto da nossa análise.

Podemos elaborar uma vez este mapa (ao iniciar o percurso da OAV, quando preparamos um projeto concreto, etc.) e não voltar a repeti-lo ou revê-lo até surgir algum dado que nos obrigue a isso (um momento de renovação da OAV, um novo projeto a iniciar, etc.). Ainda que possa parecer o contrário, esta é a forma que requer mais esforço e demonstra menor eficácia.

Também podemos construir e rever continuamente o nosso Mapa da Realidade, aproveitando todas as informações que nos chegam e que resultam das nossas práticas, tornando a reflexão coletiva e a análise parte integrante das nossas reuniões habituais, atualizando regularmente a informação dos nossos documentos e projetos (não vivendo dos frutos do passado), etc. Esta forma requer menor esforço (é repartida por toda a prática), produz os melhores resultados (em termos de utilidade e satisfação) e permite uma atualização permanente do conhecimento da realidade.

Por vezes, o mapa assume a forma de um documento, um texto, mapas de necessidades e recursos, etc. Outras vezes, o mapa é virtual, não está escrito num único texto, mas sim nas cabeças de quem participa na análise, apoiando-se em diversos materiais e documentos dispersos. Convém sempre existir alguma forma de apoio documental que esteja disponível para todos, o que facilita a sua consulta e o torna menos dependente da percepção subjetiva de cada um. Em cada OAV, podemos acordar e estabelecer um procedimento comum para o registo e o aproveitamento do conhecimento adquirido com as nossas práticas.

Mais uma vez insistimos na importância de manter devidamente organizada a informação e a documentação de cada OAV, a sua memória histórica, como elemento-chave da nossa análise permanente da realidade, dando assim sentido estratégico a uma tarefa (de documentação e arquivo) que, frequentemente, é pouco valorizada e/ou descurada nas nossas organizações.

- _ Discriminar os dados significativos que permitem obter informações pertinentes para a nossa análise.*
- _ Organizá-los (positivos/negativos, quantitativos/qualitativos, objetivos/subjetivos, conjunturais/estruturais, locais/globais, etc.).*
- _ Comparar as fontes e os tipos de dados. Identificar concordâncias e discrepâncias.*
- _ Relacionar as informações, distinguir causas e efeitos, estabelecer ligações e influências.*
- _ Interpretá-las, retirar conclusões, com base nos valores e princípios de cada OAV.*
- _ Comparar as conclusões provisórias com as pessoas que vivem o problema ou a realidade analisados.*
- _ Encaixar as peças do quebra-cabeças, compreender, integrar os novos conhecimentos e informações no conhecimento anterior, construir o nosso Mapa da Realidade.*
- _ Importância estratégica da organização da documentação e da memória histórica da OAV.*

9.4_ O «P» DE PRIORIZAR

Muito frequentemente, a análise da realidade permitir-nos-á obter informações abundantes e identificar uma boa quantidade de necessidades e problemas na comunidade, no grupo social ou no território que ultrapassarão a capacidade limitada da nossa OAV.

Outras vezes, quando abordamos um determinado problema ou situação, a análise levar-nos-á a descobrir facetas e aspetos, causas e consequências com que não contávamos inicialmente (por exemplo, a relação entre a degradação do meio ambiente e a incidência de determinadas doenças, ou entre o aumento dos casos de gravidez na adolescência e o insucesso escolar, a falta de alternativas de ocupação dos tempos livres, etc.), porque todos os aspetos da realidade estão inter-relacionados, tal como referíamos no início do presente caderno.

Todos estes aspetos inter-relacionados são muito importantes para o conhecimento da realidade, pelo que devemos tê-los em consideração independentemente do carácter da nossa ação. No entanto, para uma única OAV, é impossível tentar intervir sobre todas as causas e efeitos de uma determinada situação. Necessariamente, terá de definir prioridades para a sua ação, procurando incidir especificamente sobre certos aspetos dessa realidade sem nunca perder a perspetiva global.

Neste sentido, devemos selecionar no Mapa as situações nas quais vamos centrar a nossa ação, seguindo e combinando alguns critérios, tais como:

- _ Dar prioridade a situações ou necessidades dos beneficiários ou decorrentes do problema ou tema analisado que:
 - _ sejam maioritárias (afetem um maior número de pessoas);
 - _ sejam radicais (que estejam na raiz, na origem das consequências que queremos evitar);
 - _ sejam mais urgentes (devam ser abordadas num prazo o mais imediato possível);
 - _ afetem «setores sensíveis» (pessoas ou grupos associados a riscos e/ou necessidades especiais);
 - _ que não sejam objeto da ação de nenhum outro actor social;
 - _ etc.

_ Dar prioridade às necessidades e situações mais adequadas, mais coerentes com a missão de cada OAV (coerência) e com os recursos disponíveis (viabilidade). Cada OAV tem uma missão, uma finalidade, um sentido próprio, um campo de ação específico, determinados recursos, etc. Isto não impede (antes pelo contrário, é mais recomendável) a cooperação entre diferentes OAV ou entre estas e outros atores sociais para unir forças e capacidades, abranger problemáticas mais globais e de forma mais completa, a fim de melhorar o impacto da sua ação comum.

_ Amplitude e diversidade de pontos de incidência, variedade de aspetos, problemáticas, necessidades e carências identificados que ultrapassem o âmbito e a capacidade da OAV.

_ Dar prioridade a situações e necessidades maioritárias e/ou radicais e/ou urgentes e/ou que afetem grupos com necessidades especiais, que não sejam abordadas por outros atores, etc.

_ Dar prioridade às situações mais coerentes com o carácter de cada OAV, a sua missão e os recursos disponíveis.

_ Unir forças e cooperar com outras OAV e atores sociais para inter-relacionar as nossas ações e torná-las mais globais e completas.

9.5_ O «A» DE ATUAR

A análise da realidade, como já referimos, não é um exercício abstrato e especulativo, mas sim uma condição necessária para poder desenvolver adequadamente a ação da nossa OAV. É dela que retiramos os elementos para planear e levar a cabo as nossas atividades e projetos.

As necessidades e situações a que é dada prioridade devem traduzir-se em OBJETIVOS da nossa ação para que possamos dar-lhes resposta.

A análise também nos permitirá conhecer e definir muito melhor os BENEFICIÁRIOS da nossa ação.

Os objetivos traduzir-se-ão em ATIVIDADES, ações, projetos ou programas que tirarão partido dos RECURSOS disponíveis, também identificados na análise.

Estas ações são AVALIADAS e analisadas para podermos aprender com elas e melhorá-las.

O círculo é assim completado: a avaliação da ação significa um novo ponto de partida para a análise da realidade, permite-nos ter uma visão permanentemente atualizada do estado das coisas e facilita a renovação das nossas práticas.

_ Conhecer e analisar para poder atuar.

_ As necessidades a que se deu prioridade traduzem-se em objetivos que dão lugar a ações adequadas aos recursos que, por sua vez, são levadas a cabo e avaliadas para aprender com elas e melhorá-las (ver planeamento e elaboração de projetos).

_ A avaliação da nossa prática, da ação, constitui um novo ponto de partida no nosso conhecimento e análise da realidade.

Todo o processo de análise que representámos nestes cinco passos (perguntar, escutar, analisar, priorizar e atuar) pode ser desenvolvido num determinado prazo (por exemplo, para preparar a elaboração de um projeto concreto) ou ao longo de toda a prática da OAV, acompanhando e orientando toda a sua ação.

Por vezes, seguiremos sequencialmente estes passos, utilizando de forma sucessiva os procedimentos ou métodos descritos. Outras vezes, de acordo com o processo de trabalho da nossa OAV, daremos mais importância à pergunta (por exemplo, quando pretendemos motivar e envolver um grupo num processo), à escuta (por exemplo, quando nos interessa consultar a comunidade ou documentar um problema) ou à análise (em qualquer momento da nossa prática em que pretendamos retirar conclusões sobre uma determinada situação), etc. Sem dúvida, os métodos que referimos são-nos úteis no conhecimento da realidade e em muitos outros momentos e situações da vida e da atividade da OAV.

De qualquer modo, independentemente do seu caráter pontual ou permanente, a análise da realidade deve ser consciente, intencional e planeada. Devemos prever os passos que iremos dar, quem e quando os dará, os meios e ferramentas que iremos utilizar, os momentos específicos de sistematização, interpretação e análise das informações, etc.

Da mesma forma que planeamos as atividades ou a formação interna da OAV, devemos fazê-lo com a análise da realidade, respeitando os prazos e os recursos disponíveis. Por outro lado, a análise deve ser flexível e aproveitar, como já referido, todas as oportunidades de conhecimento que surjam no âmbito da nossa prática.

A análise deve ser divulgada, conhecida, partilhada e comentada entre todos os membros da OAV, utilizando para isso todos os meios e fórmulas de informação e comunicação interna de cada organização.

- _ Conhecimento e análise da realidade pontual, centrada numa situação e num momento concreto, ou permanente, acompanhando toda a atuação da OAV, retroalimentando-se continuamente.*
- _ Cinco passos ou métodos para aplicar sequencialmente ou para utilizar intensivamente em diferentes momentos da nossa ação e organização.*
- _ Sempre: uma análise consciente e intencional, organizada e flexível, que integre os conhecimentos adquiridos através da ação.*
- _ Importância da divulgação e da comunicação interna, do conhecimento e da comparação da análise entre todos os membros da OAV.*

10_ AS FERRAMENTAS PARA A ANÁLISE

TAL COMO já referido, a complexidade dos instrumentos, a variedade de ferramentas que utilizemos para a análise dependerá dos recursos disponíveis em cada caso. Contudo, é frequente esses recursos serem mais vastos do que pensamos.

O principal recurso para a análise é a criatividade, a imaginação, a capacidade coletiva para aproveitar todas as oportunidades (atividade, iniciativa, espaço, recurso, etc.) que nos sirva para continuar a construir e completar o nosso conhecimento da realidade (uma festa com a participação de membros e beneficiários da OAV pode ser uma excelente ocasião para aferir o seu nível de satisfação com as atividades; uma seleção de voluntários pode ser útil para conhecer melhor as suas motivações e orientar as nossas campanhas e estratégias de captação, etc.).

Também podemos transformar o conhecimento e a análise da realidade numa atividade central, permanente, da nossa OAV. Assim, podemos dar maior relevo e envolver ativamente os beneficiários na fase preliminar da elaboração dos projetos, na recolha e na análise da informação, etc., organizando atividades específicas para esse efeito (mostras, exposições, concursos de ideias, maratonas fotográficas, etc.). O exemplo mais óbvio deste processo é a Investigação Ação Participativa (IAP), de que já falámos, que, partindo de um problema ou necessidade concretos, transforma a investigação em tarefa principal de todo o grupo ou comunidade, num elemento motor da sua ação e num elemento-chave para a sua aprendizagem organizativa.

Assim sendo, o critério consiste em aproveitar ao máximo as ferramentas de que já dispomos. Sempre que possível, devemos também combinar ferramentas, técnicas e linguagens para chegar a todos os informadores e para tornar a análise mais profunda e mais fiável.

Em todos os casos, devemos escolher as técnicas:

- _ Que melhor respondam ao objetivo concreto do passo em questão (perguntar, escutar, analisar...).
- _ Que melhor se adequem às características dos informadores ou das pessoas que participam nesse passo da análise.
- _ Que sejam conhecidas e facilmente utilizáveis pelas pessoas responsáveis pela sua aplicação.
- _ Que sejam facilmente interpretáveis e produzam resultados concretos e claros.
- _ Que contem com os recursos disponíveis e sejam exequíveis.

Saul Alinsky relembra-nos que as táticas, as técnicas devem ser dinâmicas, divertidas, simples para quem as aplica.

De outra forma, se o que fazemos e como o fazemos levantar dificuldades, não será fácil motivar e envolver essas pessoas. Devemos utilizar a criatividade e a imaginação para que a análise não seja algo aborrecido, mais sim agradável e interessante.

Indicamos, a título meramente exemplificativo, alguns dos instrumentos ou ferramentas a que podemos recorrer nos diferentes passos da nossa análise.

10.1_ PARA PERGUNTAR:

- _ Quando consultarmos pessoas individualmente, podemos recorrer a conversas cara a cara ou a entrevistas personalizadas, que deverão contar com um questionário prévio ou um guião comum.
- _ Se consultarmos várias pessoas ao mesmo tempo (membros de uma entidade ou organização, pessoas que respondem ao mesmo perfil e tipologia), podemos utilizar entrevistas em grupo, grupos de discussão, etc.
- _ Se dirigirmos as nossas perguntas a um grupo extenso de pessoas, podemos recorrer a inquéritos, caixas de sugestões ou painéis de opinião (à entrada ou saída de uma atividade, num serviço ou equipamento público, em locais sociais ou comerciais, etc.). Também podemos enviar questionários por correio postal ou eletrónico e realizar breves entrevistas ou inquéritos por telefone.
- _ Podemos aproveitar os quadros de anúncios, murais, boletins e publicações como veículos para colocar perguntas e recolher a opinião das pessoas que têm acesso a estes meios.
- _ As páginas Web das nossas OAV são outras ferramentas através das quais podemos colocar perguntas e reunir informações. Este meio terá cada vez mais importância e utilização na nossa prática.
- _ Podemos organizar ou aproveitar encontros, fóruns, seminários, centrados ou relacionados com aspetos da realidade ou dos problemas e situações que estamos a analisar, de modo a selecionar e trabalhar as perguntas em profundidade.

- _ Podemos levar a cabo investigações participativas, envolvendo as pessoas que vivem uma determinada situação na sua própria autoanálise, começando pela seleção e elaboração das perguntas.

10.2_ PARA ESCUTAR:

- _ Um primeiro recurso para recolher a informação é a memória de cada um (numa conversa, numa reunião, etc.), que deve ser registada (em notas manuscritas, num gravador, no computador...), enquanto é possível garantir a máxima fidelidade da informação.
- _ O lápis e o papel, as notas pessoais que tomamos numa entrevista ou num grupo de discussão também podem ser úteis para recolher informação, que será tanto mais fiável quanto mais diversos forem os observadores e pessoas que as anotem e comparem entre si.
- _ Podemos utilizar esquemas e questionários previamente elaborados, cartões, quadros estatísticos, etc., para recolher e registar a informação.
- _ As fotografias podem ajudar-nos a documentar a situação de um problema, de uma zona, de um bairro, de um grupo de pessoas, de um recurso, um serviço ou equipamento concreto, etc., num determinado momento ou na sua evolução ao longo de um período de tempo.
- _ Os gravadores de áudio ou vídeo pessoais podem ser úteis para registar entrevistas e testemunhos, inquéritos, reuniões de grupo, para documentar situações, etc.
- _ A leitura e o estudo de documentos, textos ou materiais de interesse podem ser registados através de fichas que recolham e façam referência às informações consideradas pertinentes.
- _ Já referimos as cada vez maiores possibilidades das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), da Internet, que também nos podem servir para recolher e registar informação através de questionários eletrónicos, inquéritos digitais, fóruns virtuais, etc.
- _ As publicações, as memórias, os boletins das nossas OAV podem servir para publicar e registar opiniões, pequenos relatórios, etc.

- _ Podemos realizar campanhas e atividades informativas, encontros, fóruns, seminários, mostras, etc., que nos ajudem a obter, recolher e manifestar opiniões que serão registadas em painéis, documentos de conclusões, memórias, vídeos, etc.

10.3_ PARA ANALISAR:

- _ As ferramentas de análise são fundamentalmente coletivas, de grupo. A utilização na nossa OAV de todo o tipo de técnicas para a comunicação, o trabalho de grupo, o debate coletivo, a análise de problemas, a resolução de conflitos, etc., facilitar-nos-á o trabalho de análise.
- _ Existem técnicas, ferramentas concebidas especificamente para processos de análise (matriz DAFO, método ZOPP, árvore social, árvore de problemas, etc.), que facilitam a organização, a comparação e a interpretação da informação.
- _ As administrações, assembleias, equipas de direção, etc., são espaços idóneos para a análise coletiva.
- _ Podemos organizar sessões de trabalho e oficinas de grupo específicas, centradas na análise da informação obtida acerca de um determinado problema, situação ou realidade.
- _ Podemos aproveitar encontros, fóruns, seminários, ações de formação organizados pela nossa OAV ou por outras entidades para comparar e relacionar informações, aprofundar as causas, avançar na análise.
- _ As TIC e os próprios recursos de comunicação e conhecimento da OAV (publicações, boletins, etc.) podem funcionar – como nos casos anteriores – como ferramentas de análise, permitindo a participação de um vasto número de pessoas.

10.4_ PARA PRIORIZAR:

- _ É fundamental que os critérios comuns utilizados para estabelecer prioridades entre situações, problemas, necessidades ou recursos e capacidades, etc., sejam definidos coletivamente e fiquem muito claros para todos os intervenientes na análise.
- _ As assembleias, administrações, equipas de direção, equipas de projeto, são espaços de definição de prioridades e tomada de decisões.
- _ Podemos realizar referendos ou consultas (entre os membros da OAV, os beneficiários, outros atores ou intervenientes, etc.) para selecionar ou validar a adequabilidade das prioridades selecionadas.
- _ Também podemos utilizar os nossos encontros, fóruns, seminários, espaços formativos, etc., para debater e estabelecer prioridades.

10.5_ PARA ATUAR:

- _ Para preparar a nossa ação e traduzir em projetos as conclusões da análise da realidade, devemos recorrer a técnicas e métodos de planificação. No entanto, este assunto não será aqui aprofundado, constituindo matéria para outros cadernos.
- _ *Criatividade. Aproveitar as ferramentas de que já dispomos. Aproveitar as nossas práticas e atividades.*
- _ *Diversificar e combinar as ferramentas, técnicas, linguagens e suportes.*
- _ *Selecionar as ferramentas que melhor respondam ao objetivo da análise, ao perfil dos informadores ou participantes, que sejam conhecidas e facilmente utilizáveis pelos responsáveis pela sua aplicação e que possam ser desenvolvidas com os meios disponíveis.*
- _ *Utilizar ferramentas e técnicas dinâmicas, interessantes, criativas, para reforçar a motivação e a participação na análise.*

11_ PENSAR GLOBALMENTE, ATUAR LOCALMENTE E VICE- -VERSA (PARA QUE PODEMOS UTILIZAR A INTERNET)

ESTE JÁ velho lema («pensar globalmente, atuar localmente») chama a atenção para a importância de trabalhar no meio envolvente mais próximo sem perder de vista a realidade global, sem esquecer as interpretações e interdependências que condicionam esse espaço próximo a nível mundial. Contudo, este lema aplica-se agora nos dois sentidos, lembrando-nos que também é preciso atuar na realidade global para poder pensar e transformar a realidade imediata, porque certos problemas e necessidades próximos apenas encontrarão resposta se ocorrerem mudanças a nível mundial.

Transpor para a prática esta inter-relação entre o local e o global era, até há pouco tempo, pouco mais do que uma declaração de vontade, mas a cada dia que passa dispomos de mais meios que nos permitem avançar nessa direção. Hoje é possível conhecer e atuar sobre o local, ao mesmo tempo que podemos conhecer e atuar sobre o global (a nossa participação numa campanha global contra o trabalho infantil reforça o nosso projeto local; a divulgação internacional de um problema local multiplica o seu impacto e relaciona-o com problemáticas globais...) e fazê-lo de forma sinérgica, reforçando mutuamente ambas as vertentes.

Embora já tenhamos chamado a atenção para o excesso e saturação de informação pouco significativa e salientado a importância de aprender a selecionar, relacionar e interpretar criticamente a informação que nos interessa, não resta qualquer dúvida de que a Internet é uma extraordinária ferramenta de informação e comunicação.

Como realça Noam Chomsky, o desafio para os movimentos sociais e as OAV é descobrir se somos capazes de nos apropriar destas novas tecnologias, torná-las nossas, transformá-las num instrumento de conhecimento e construção coletiva de Outro Mundo Possível ou se renunciemos e nos resignamos ao facto de serem açambarcadas e instrumentalizadas pelo comércio, pelas grandes corporações multinacionais, pelos governos.

A Internet facilita-nos o conhecimento das experiências e das análises de outros grupos e permite-nos dar a conhecer e comparar a experiência da nossa OAV, multiplica as possibilidades de comunicação e intercâmbio, favorece o diálogo de conhecimentos que poderão enriquecer bastante a nossa análise.

Para além das que já referimos, são muitas as possibilidades oferecidas pelas TIC, tanto para a pergunta, como para a escuta, como para a análise, etc., na medida em que facilitam a comunicação e o trabalho de equipa (por exemplo: os «grupos de correio eletrónico», que permitem que um grupo de pessoas esteja sempre a par da informação transmitida por cada uma delas, podem facilitar muitas tarefas da análise). A Internet e as novas tecnologias permitem que a participação na análise, em parte ou na totalidade dos seus passos, possa ser muito ampla e ativa.

Não é possível realizar uma «análise virtual» da realidade, pois a Internet não substitui o trabalho de campo, o contacto direto com os beneficiários, com a realidade concreta onde atua a nossa OAV, mas pode ajudar a completá-la, fundamentá-la e interpretá-la.

_ A Internet como fonte de informação para aprofundar, fundamentar ou complementar a nossa análise para a tornar mais global.

_ A Internet para conhecer outros grupos, experiências e análises e para divulgar os nossos.

_ As TIC como recurso, como ferramenta que facilita a participação coletiva e a realização dos diferentes passos da análise.

_ A Internet complementa, mas não substitui o necessário contacto direto, presencial, com os beneficiários, com as informações, com as situações concretas da realidade.

12_ O QUE FAZER COM A ANÁLISE

DESDE O INÍCIO deste caderno, temos reiterado que analisamos a realidade para atuar nela, para poder transformá-la e melhorá-la, e que não faz sentido investir esforços numa análise que não nos servirá para nada, que não tem consequências nem influencia a nossa prática.

Uma primeira aplicação consiste na necessária apresentação dos resultados do nosso esforço de conhecimento e análise, na sua divulgação junto daqueles que participaram em todo o processo e dos seus beneficiários. Este aspeto da análise é frequentemente esquecido em muitas OAV: estudamos uma situação, um aspeto concreto da realidade e guardamos as conclusões, os achados, as aprendizagens obtidos.

Outras vezes, esmeramo-nos a elaborar publicações ou relatórios que fazemos chegar a quem financiou a análise, mas não nos preocupamos o suficiente em divulgá-los junto dos seus beneficiários.

A apresentação da nossa investigação permite compará-la e validá-la, criando novas opiniões, novos dados, novas interpretações. Além disso, permite que os beneficiários (diretos ou indiretos) da ação da nossa OAV se apropriem dos conhecimentos construídos, os tornem seus, tomem consciência da sua realidade e reforcem a sua motivação para a transformar. Podemos divulgar a análise de várias formas (relatórios, memórias, exposições, mostras, debates, publicações, Internet, etc.).

De qualquer forma, a análise deve servir especificamente para organizar as nossas atividades, deve ter uma aplicação prática imediata na planificação e no desenvolvimento dos projetos da nossa OAV.

Da análise podemos retirar dados e conclusões pertinentes que sirvam para defender e fundamentar os nossos projetos, para convencer e motivar quem tem a responsabilidade de os realizar e apoiar.

A análise também nos ajuda a avaliar a prática. Se observarmos o impacto do nosso trabalho, se identificarmos e analisarmos os seus efeitos sobre a realidade, as mudanças (intencionais ou não) que produz ou as causas para não ocorrerem as mudanças pretendidas, poderemos reorientar e melhorar a nossa ação, fazer com que seja cada vez mais eficaz.

A análise deve servir para alimentar o discurso público da nossa organização, para estruturar as suas mensagens. Os folhetos, publicações, comunicados, debates, apresentações, conferências, etc., devem fazer referência à realidade onde atua a nossa OAV e à interpretação que dela fazemos. A análise deve servir para melhorar a nossa ação de sensibilização, para despertar e reforçar a consciência social em torno das situações e necessidades sociais, locais e globais, que devem ser transformadas para construir Outro Mundo Possível.

A análise é uma referência fundamental para partilhar com outras OAV, para nos conhecermos e avançarmos na coordenação dos nossos esforços, para fundamentar o trabalho em rede, já que reflete o nosso conhecimento e

interpretação da realidade, um aspeto-chave no momento de identificar ou construir afinidades com outras OAV ou entidades. Tudo isto converge para a ideia que temos vindo a reiterar desde o início do presente caderno: o conhecimento e a análise da realidade não são apenas «mais uma tarefa» nem algo que se possa adiar ou de que se possa prescindir, não é (ou não deve nem tem por que ser) um transtorno que afeta a vida da nossa organização, que dificulta a realização dos nossos projetos. Antes pelo contrário, é um elemento essencial, imprescindível, fundamental, que condiciona toda a prática organizativa e de ação da nossa OAV.

Devemos encontrar fórmulas simples, criativas e interessantes de integrar a análise na prática quotidiana da organização, de modo a incorporá-la e tirar partido dela em todas as nossas ações.

Quanto maior e melhor, mais avaliado e aprofundado, mais atualizado for o nosso conhecimento da realidade, a nossa compreensão dos fenómenos que nela ocorrem, o nosso conhecimento das dificuldades e oportunidades, das necessidades e dos recursos disponíveis, melhor será a nossa capacidade de ação e a sua qualidade, a sua eficácia social.

- _ Conhecermos e interpretamos para atuar. Se não pretendemos fazer nada com a análise, é melhor não perder tempo e esforços.*
- _ Apresentar os resultados e conclusões da nossa análise, divulgá-los, utilizá-los para criar consciência, para motivar...*
- _ Utilizar a análise para planejar e organizar a nossa ação.*
- _ Utilizar a análise para avaliar e reorientar as nossas práticas.*
- _ Utilizar a análise para fundamentar os nossos projetos e ações, a nossa ação de sensibilização e educação.*
- _ Utilizar a análise para a partilhar e comparar com outras OAV e entidades, para fundamentar a cooperação e o trabalho em rede.*
- _ Integrá-la, incorporá-la de forma normalizada e habitual na nossa ação e organização.*
- _ Maior conhecimento e análise traduzem-se em maior e melhor capacidade de atuar. A análise é Poder.*

II.

CONTEÚDO PRÁTICO

1_ UMA SUPOSIÇÃO...

IMAGINEMOS, a título de suposição prática, uma Organização de Ação Voluntária (OAV) que acaba de ser constituída ou que vai iniciar a sua ação num novo território, com um novo grupo ou setor da população, ou que está a repensar a sua atuação para a renovar ou dar-lhe um novo impulso.

Trata-se de uma situação em que «partimos do zero» na análise (é uma forma de dizer, porque nunca partimos do zero, há sempre uma perceção, alguma forma de conhecimento prévio da realidade).

O que pode fazer essa OAV? Algumas pistas:

_ Em primeiro lugar, juntar as pessoas que vão participar na análise e organizar uma reunião para definir e acordar em conjunto o seu objetivo e sentido.

O que queremos saber? Que situações, necessidades, problemáticas devemos conhecer melhor para poder preparar e levar a cabo eficazmente a nossa ação? Que pessoas e grupos sociais são afetados por essas situações, em que territórios ou âmbitos geográficos?

_ Depois de definir corretamente o âmbito e o sentido da análise, revemos a informação de que já dispomos (projetos e experiências anteriores da OAV, outros materiais e documentos, leituras, etc.) e reunimos os conhecimentos e hipóteses prévios que temos sobre o assunto em questão.

O que sabemos, o que pensamos, com que ideias e conhecimentos lidamos sobre a realidade que estamos a analisar?

_ Em seguida, identificamos e selecionamos as fontes a que iremos recorrer para obter novas informações.

Quem, no contexto da nossa OAV, pode fornecer-nos informações sobre a realidade que vamos analisar? Quem vive e melhor conhece as situações, as necessidades, os problemas que queremos analisar? Que fontes documentais podemos consultar?

_ Todo este processo nos ajuda a selecionar e especificar as perguntas concretas que iremos fazer, aquelas de cujas respostas precisamos de conhecer para preparar e levar a cabo a nossa ação.

O que precisamos de saber para poder preparar e desenvolver a ação? Que perguntas nos podem servir para responder às questões colocadas? Imaginar as diferentes respostas que os beneficiários possam dar sobre o tema em causa pode ajudar-nos a redigir as perguntas de forma clara e em consonância com o objetivo proposto.

_ Selecionamos as ferramentas, as técnicas que iremos utilizar para perguntar (reuniões com outros membros da OAV, entrevistas aos principais informadores e outros agentes no território, questionários ou entrevistas de grupo para os beneficiários, inquéritos o conjunto da comunidade, etc.) Estas tarefas são preparadas tendo em conta as fontes a quem vamos perguntar, o tempo e os recursos disponíveis.

_ Chegou o momento de dividir as tarefas, as entrevistas, as reuniões de grupo, a distribuição de questionários, a recolha e leitura de material, a documentação fotográfica, etc. Tanto as tarefas como os critérios para a sua execução devem ficar bem claros para todos os participantes. Devemos estabelecer prazos concretos para o seu desenvolvimento, prazos lógicos e limitados, porque a realidade está em constante mudança e não podemos prolongar indefinidamente certas tarefas, sob o risco de os seus resultados já não serem válidos ou úteis.

Devemos registar num quadro a planificação temporal de toda a análise, indicando os objetivos de cada fase e os respetivos responsáveis, aspetos a ter em conta durante todo o processo.

_ Tempo para perguntar e escutar, observar, ler, registar... Dedicamos o prazo previsto à recolha e ao registo da informação, seguindo os critérios comuns acordados na fase de preparação da análise. Começamos pelas pessoas e fontes mais próximas, para depois ir alargando o círculo até à medida do possível. Não nos devemos esquecer de registar pontualmente a informação que vamos obtendo.

_ Para facilitar a análise, após termos recolhido toda a informação, organizamos uma reunião de trabalho interna onde discutimos e elaboramos as informações obtidas.

Em primeiro lugar, selecionamos as informações mais significativas, colocando de parte (para o caso de nos serem úteis noutras situações) aquelas que não nos dizem nada sobre o que queremos conhecer, que não afetam o objeto da nossa análise. Seguidamente, há que organizá-las e classificá-las, agrupando-as de acordo com os critérios previamente definidos (positivos / negativos, quantitativos / qualitativos, objetivos / subjetivos, conjunturais / estruturais, locais / globais, etc.). Cabe-nos depois relacioná-las entre si, identificar as suas ligações, distinguir causas de efeitos, etc.

— Uma vez organizada e relacionada, interpretamos a informação e retiramos conclusões. Para isso, utilizamos diferentes técnicas, como a árvore social ou a matriz DAFO.

Que conhecimentos significativos nos trouxe a nossa investigação? Que respostas obtivemos com a análise? Quais as implicações do que descobrimos para a nossa atuação, para os nossos projetos e atividades?

— A análise fornece-nos muito mais informação do que procurávamos e precisávamos, ajuda-nos a identificar novas necessidades, situações, problemáticas, etc., que afectam os beneficiários da nossa OAV ou estão relacionadas com as problemáticas sobre as quais atuamos. É difícil conseguir dar resposta a todos estes aspetos. Por conseguinte, estabelecemos prioridades, selecionamos entre o conjunto de situações identificadas na análise as que mais se adequam à missão e às capacidades da OAV, aquelas em que vamos centrar a nossa atenção.

— Chega o momento de planear a nossa ação, de definir as ações e os projetos que vamos levar a cabo para dar resposta às necessidades e situações consideradas prioritárias para a análise. Transformamos essas necessidades e situações em objetivos da nossa ação. Fazemos uma previsão dos recursos disponíveis, tendo em conta aqueles de identificámos na própria análise. Definimos as ações que melhor respondem às necessidades, que podem ser realizadas com os meios existentes, que se adequam aos beneficiários. Identificamos as tarefas a levar a cabo e procedemos à sua distribuição. Pensamos nas formas de avaliação, na forma de recuperar e aproveitar o conhecimento que vai sendo adquirido ao longo da ação.

- _ Os nossos processos já estão em curso, mas nesta OAV também nos preocupámos em aproveitar as atividades habituais para continuar a aprofundar o conhecimento da realidade. A avaliação permanente das nossas atividades é útil para esse efeito (ver adiante a secção «Outra suposição»).
- _ Devemos assegurar a divulgação de todo o conhecimento que obtivemos na análise. As suas conclusões devem ser integradas no conjunto dos nossos projetos, refletidas em comunicados, boletins, publicações. É importante organizarmos reuniões e atividades específicas com os beneficiários para reforçar o autoconhecimento da sua própria realidade, a tomada de consciência das suas necessidades e capacidades.

2_ A ÁRVORE DE PROBLEMAS E DE RESPOSTAS

A IMAGEM de uma árvore funciona como analogia e esquema para a análise da realidade. Neste caso, a árvore de problemas ajuda-nos a diferenciar causas e efeitos e a relacionar e organizar a informação de que dispomos.

Num quadro de folhas móveis (ou, por exemplo, em papel contínuo fixado numa parede), desenhamos uma árvore grande, de tronco largo, raízes compridas e copa abundante.



O problema, necessidade, situação em análise deve refletir-se de forma precisa no tronco da árvore (por exemplo, «muitos idosos da comunidade vivem sozinhos ou sem assistência», ou «o número de casos de gravidez na adolescência no bairro é muito elevado», ou «as condições de vida dos imigrantes não são dignas», etc.).

Na parte correspondente à raiz, vamos colocando, através de cartões, todas as informações relativas às causas da situação ou do problema. Devemos ordená-las das mais profundas às mais superficiais, relacionando-as entre si. Conseguiremos assim um bom momento de reflexão coletiva.

Na parte dos ramos e da copa, vamos colocando os cartões relativos aos efeitos do problema ou da situação em análise. Devemos procurar relacionar e ordenar estas consequências, desde as mais próximas às mais distantes ou indiretas, formando os diferentes ramos da árvore que, por sua vez, podem estar ligados entre si.

Este trabalho de organização da informação permitir-nos-á identificar «lacunas», deficiências (por exemplo, em relação às consequências de uma determinada causa ou às relações entre diferentes causas ou consequências, etc.) e completá-las com novos dados e informações até obtermos uma visão tão completa quanto possível da situação.

Também podemos transformar a nossa «árvore de problemas» numa «árvore de respostas». Isso implica «dar a volta aos problemas», transformá-los em objetivos da nossa ação, substituir cada um dos cartões por outros onde refletiremos a situação a que pretendemos chegar (por exemplo, onde dizia «elevado nível de analfabetismo funcional», colocaremos agora «facilitar o acesso dos adultos à educação»; ou, onde dizia «falta de informação sexual», colocaremos «melhorar a educação sexual dos adolescentes», etc.).

Devemos rever a nossa árvore de respostas, verificar as relações e ligações existentes entre as diferentes alternativas e soluções. Como no caso dos problemas, devemos diferenciar as respostas que atacam mais diretamente as raízes profundas.

A árvore de soluções é um instrumento muito útil para a planificação da nossa ação, que nos orientará em relação aos passos a seguir e às ações necessárias para dar resposta aos problemas ou necessidades identificados na análise.

3_ OUTRA SUPOSIÇÃO...

- _ NESTA outra suposição, relativa a uma OAV em plena atividade, os membros de uma equipa de trabalho avaliam um projeto desenvolvido nos últimos meses.
- _ Elaboram relatórios e memórias onde registam as atividades levadas a cabo, as avaliações dos participantes, os resultados obtidos, etc.
- _ Uma parte do seu trabalho é dedicada a reunir as descobertas e aprendizagens resultantes do projeto que possam ser úteis para o conhecimento e a análise da realidade no conjunto da OAV. Que novos dados e informações pertinentes obtivemos que interessem aos restantes membros da OAV? Descobrimos novos obstáculos e resistências e/ou novos recursos e oportunidades para dar resposta às necessidades e alcançar os nossos objetivos?
- _ Estes novos conhecimentos são divulgados de diversas formas, tais como breves relatórios em publicações e boletins internos, exposições em assembleias e administrações, notas na rede de Intranet ou na página Web da OAV, mensagens na lista de correio geral, participações em ações de formação, etc.
- _ Por outro lado, é necessário assegurar que todas as informações sejam recolhidas e documentadas em arquivos comuns ou no fundo documental da organização, para facilitar a sua consulta em qualquer momento.
- _ Quando a equipa se reúne novamente para planificar o trabalho dos meses seguintes, deve rever as suas avaliações e os novos dados reunidos por todas as equipas e projetos para o conhecimento coletivo da comunidade. Este processo facilita e confere segurança ao trabalho de planificação.
- _ Os membros desta OAV sabem que todos estão à espera, que qualquer informação pertinente sobre a realidade, os beneficiários e as suas necessidades, os recursos, o território, etc., adquirida no âmbito do desenvolvimento das atividades e da vida da organização, será partilhada e analisada por todos, uma vez que todos trabalham para conhecer cada vez melhor a realidade.

4_ A ÁRVORE SOCIAL

COMO SE PODE depreender, gostamos de árvores e das analogias que permitem criar para a nossa análise. O objetivo desta técnica consiste em facilitar a reflexão coletiva e a análise da realidade, ajudando-nos a identificar, discriminar e ordenar os diferentes aspetos e facilitando a visualização das relações existentes entre os mesmos.

A imagem da árvore não foi escolhida por acaso, visto tratar-se de um organismo vivo que cresce, se desenvolve, se transforma, evolui, tal como uma comunidade ou um grupo social. Do mesmo modo, a árvore permite-nos distinguir diversos elementos, com diferentes funções e que, no entanto, estão estreitamente relacionados entre si, à semelhança do que sucede numa comunidade.

Assim, num quadro de folhas móveis, devemos desenhar a imagem de uma árvore e avançar para os seguintes passos:

AS RAÍZES SOCIOECONÓMICAS

Sobre as raízes da árvore, através das quais se mantém de pé e retira da terra a água e os minerais de que necessita, devemos escrever ou colar cartões com todos os dados recolhidos na nossa análise que digam respeito às formas através das quais a comunidade ou o grupo social analisados se «sustentam» e cobrem as suas necessidades materiais básicas, as suas formas de produção e trabalho e os seus principais recursos económicos e materiais.

Do lado direito das raízes, devemos colocar todos os aspetos «positivos», relativos a recursos, capacidades, potencialidades, oportunidades, etc. Do lado esquerdo, os aspetos «negativos», relativos a carências, necessidades, problemas, dificuldades, etc.

ASPETOS
«NEGATIVOS»

ASPETOS
«POSITIVOS»



O TRONCO SÓCIORRELACIONAL

Depois, sobre o tronco da árvore, que lhe dá forma e estrutura, devemos escrever ou colar cartões com todos os dados recolhidos na nossa análise que digam respeito às formas de relacionamento e organização social, às estruturas formais ou informais que articulam a comunidade ou o grupo, às instituições (sociais, familiares, religiosas, económicas, culturais, educativas, políticas, associativas, de lazer...), através das quais se estrutura.

Do lado direito do tronco, devemos colocar todos os aspetos «positivos», relativos a recursos, capacidades, potencialidades, oportunidades, etc. Do lado esquerdo, os aspetos «negativos», relativos a carências, necessidades, problemas, dificuldades, etc.

A IDENTIDADE E OS FRUTOS SOCIOCULTURAIS

Por último, sobre a copa da árvore, as suas folhas e frutos, que são a manifestação mais visível da árvore, aquilo que lhe confere a sua «identidade» e a distingue mais facilmente de outras árvores, devemos escrever ou colar cartões com todos os dados obtidos na análise que digam respeito às formas de pensar, crenças, valores e hábitos sociais, costumes e tradições culturais e formas de expressão coletiva da comunidade ou do grupo social analisados.

Do lado direito da copa da árvore, devemos colocar todos os aspetos «positivos», relativos a recursos, capacidades, potencialidades, oportunidades, etc. Do lado esquerdo, os aspetos «negativos», relativos a carências, necessidades, problemas, dificuldades, etc.

Uma vez concluída a organização e classificação dos dados (não é muito difícil estruturá-los em torno destes três critérios, basta apenas alguma prática), chegamos ao momento de analisar individualmente os elementos da árvore.

Estão lá todos os dados de que dispomos? Existem lacunas que devemos preencher com novos dados e informações? Existem desequilíbrios acentuados entre aspetos positivos e negativos que apresentem uma visão deformada (idealizada ou derrotista) dessa parte da realidade? Quais dos dados refletidos em cada parte da árvore são mais pertinentes para a nossa análise e para a ação da nossa OAV?

Como já referimos, a árvore é um organismo, tal como a comunidade ou o grupo social analisados. Pelo seu interior correm canais de seiva, que ligam as raízes ao tronco e à copa. Qualquer impacto sobre uma das partes da árvore far-se-á sentir nas restantes, visto existir uma correlação entre elas.

Acontecerá o mesmo na nossa árvore social? Os aspetos assinalados nas raízes – ou em qualquer das outras partes – refletem-se no resto da árvore? Em que valores, crenças, expressões, se manifestam as condições socioeconómicas – favoráveis ou negativas – da comunidade ou do grupo (por exemplo: em que valores se expressam o desemprego ou os elevados níveis de consumo)? De que forma influenciam as formas de relacionamento e articulação social no seu sustento material (por exemplo: existem redes de solidariedade – espontâneas ou organizadas – que ajudam as pessoas em situação de exclusão)?

Esta abordagem ao conjunto da árvore e às interpretações entre os seus diferentes elementos permitir-nos-á identificar possíveis novas lacunas, aspetos que poderemos complementar com novos dados e informações, etc. Acima de tudo, obrigar-nos-á a relacionar, interligar, interpretar os dados, evitando uma leitura unidimensional, procurando uma compreensão mais global e completa da realidade.

A nossa árvore social pode ir sendo completada com novos dados ao longo de todo o período de análise.

Depois de termos organizado e relacionado toda a informação, podemos retirar consequências, assinalar prioridades, identificar os elementos-chave que percorrem a árvore, as carências que mais se destacam, os recursos com maior potencialidade, etc.

A árvore social é uma excelente ferramenta com que podemos trabalhar coletivamente, em reuniões, oficinas e qualquer outro espaço que utilizemos para melhorar o nosso conhecimento e análise da realidade.

5_ A MATRIZ DAFO

A MATRIZ DAFO é outra ferramenta, felizmente cada vez mais conhecida e utilizada nas OAV, que nos ajuda a organizar e estruturar a informação sobre a comunidade, o grupo, a organização, a situação que queremos conhecer, e facilita a análise e a obtenção coletiva de conclusões.

Devemos começar por trabalhar com a matriz DAFO de forma individual (cada um responde às diferentes perguntas, de acordo com a informação obtida, com a sua experiência e opinião própria), para depois partilhar e comparar as diferentes perceções individuais num grupo mais alargado, até retirar conclusões comuns. Esta forma de trabalho pode ajudar-nos a organizar «o que já sabemos ou pensamos» sobre a realidade, as nossas hipóteses prévias para a preparação da análise.

Também podemos utilizar esta ferramenta para analisar a informação que recolhemos nas fases iniciais da análise. Neste caso, utilizaremos o esquema para organizar e comparar coletivamente os dados obtidos.

De qualquer forma, devemos organizar as nossas opiniões e as informações de que dispomos de acordo com as seguintes categorias:

_PONTOS FORTES

Dados relativos a todos os aspetos «positivos» (capacidades, recursos, potencialidades...) identificados no grupo social, comunidade, situação ou organização da análise.

Trata-se de pontos fortes reais, existentes na atualidade, internos, pertencentes ao próprio grupo ou comunidade. É neles que se devem apoiar as futuras ações de melhoria ou transformação dessa realidade (por exemplo, «a forte coesão e solidariedade familiar» ou «a existência de um centro de ensino para adultos», ou «a capacidade de auto-organização do grupo de mulheres», ou «a vontade de melhorar a sua situação», etc.).

_PONTOS FRACOS

Dados relativos aos aspetos «negativos» (necessidades, carências, problemas...) identificados na situação, comunidade, grupo social ou organização analisados.

Trata-se de deficiências reais, presentes, internas. As futuras ações deverão dar-lhes resposta (por exemplo, «elevados níveis de insucesso escolar e analfabetismo funcional», ou «falta de centros de saúde», ou «ausência de associações e grupos com iniciativa, ou «falta de motivação para mudar», etc.).

_OPORTUNIDADES

Dados relativos aos aspetos «positivos» (apoios, recursos, vantagens...) identificados no meio envolvente que podem contribuir para melhorar ou transformar a situação, a comunidade, o grupo social ou a organização analisados.

Trata-se de oportunidades reais, não de desejos. São «externas» à realidade analisada, dependem de outros intervenientes. Além disso, podem produzir efeitos no futuro mais ou menos próximo (por exemplo, «próxima aprovação da lei de menores», ou «aumento previsto de fundos para a assistência a idosos», ou «campanhas mediáticas contra a violência doméstica», etc.).

AMEAÇAS

Dados relativos aos aspetos «negativos» (obstáculos, resistências, riscos...) identificados no meio envolvente que podem contribuir para manter ou agravar a situação do grupo social, comunidade ou organização analisados.

Trata-se de ameaças reais, não hipotéticas, que podem manifestar-se num futuro próximo. São «exteriores» ao meio envolvente, dependem de outros intervenientes (por exemplo, «rejeição social contra os imigrantes», ou «ajustamento previsto das prestações sociais», ou «próxima requalificação do local onde se encontra o bairro degradado», ou «lei de estrangeiros em fase de aprovação, etc.).

Uma vez concluída a organização da informação, a matriz DAFO permite-nos várias perspetivas diferentes, vários níveis de análise. Desse modo, podemos decidir coletivamente quais são os pontos mais importantes e/ou urgentes de cada secção e relacioná-los entre si (por exemplo, determinar como uma ameaça pode influenciar uma determinada deficiência, como uma oportunidade concreta pode favorecer a resposta a uma deficiência, como pode um ponto forte fazer frente a uma ameaça, etc.), a fim de tornar a análise mais aprofundada e pertinente.

Podemos realizar diferentes análises DAFO, relativas a aspetos concretos (por exemplo, se estivermos a analisar a nossa OAV, podemos criar diferentes esquemas sobre a nossa organização interna, a nossa comunicação com o exterior da organização, as nossas atividades, etc.), que nos ajudem a aprofundar a análise dos mesmos.

De qualquer forma, a análise DAFO deve servir para compreender melhor, com uma visão mais dialética e dinâmica, a realidade que pretendemos analisar e para definir objetivos e estratégias de ação concretas em resposta às necessidades e situações que considerámos prioritárias.

PONTOS FRACOS (-)	Presente. Internos	AMEAÇAS (-)	Futuro. Externas
PONTOS FORTES (+)	Presente. Internos	OPORTUNIDADES (+)	Futuro. Externas

6_ O CARACOL

O SUBCOMANDANTE MARCOS conta-nos um exemplo prático de uma «análise global», na qual se «desce» do mais geral para o mais particular (utilizando a imagem espiral do caracol), para voltar a «subir» na busca de alternativas, do mais particular ao global.

«Durante várias horas, estes seres de coração moreno traçaram, com as suas ideias, um grande caracol.

Partindo do internacional, o seu olhar e o seu pensamento foi penetrando, passando, um a um, pelo nacional, pelo regional e pelo local, até chegar àquele que chamam «O Votán. O guardião e coração do povo», os povos zapatistas.

Assim, partindo da curva mais exterior do caracol, é possível pensar palavras como «globalização», «guerra de domínio», «resistência», «economia», «cidade», «campo», «situação política» e outras que o apagador vai eliminando depois da pergunta da praxe: «Está explicado ou há dúvidas?».

No fim do percurso de fora para dentro, no centro do caracol, resta apenas uma sigla: «EZLN».

Seguem-se algumas propostas e desenham-se, no pensamento e no coração, janelas e portas que só eles veem (entre outras coisas, porque ainda não existem).

A palavra dispar e dispersa começa a traçar um caminho comum e coletivo.

Alguém pergunta: «Há acordo?» «Há», responde afirmando a voz já coletiva.

De novo se desenha o caracol, mas agora no sentido inverso, de dentro para fora.

O apagador segue também o caminho inverso até restar apenas, preenchendo o velho quadro, uma frase que para muitos é uma ilusão, mas que para estes homens e mulheres é um motivo de luta: «um mundo onde caibam todos os mundos».

Logo a seguir, é tomada uma decisão.»

Subcomandante Insurgente Marcos. EZLN, Montanhas do Sudeste Mexicano. (Retirado de «Chiapas: La Treceava Estela»)

Do global ao local



Do local ao global



7_ UM QUESTIONÁRIO DE AUTODIAGNÓSTICO DA ORGANIZAÇÃO

ESTE QUESTIONÁRIO é um exemplo de um exercício de análise da realidade relativo à nossa própria OAV, ao nosso funcionamento, à percepção que os seus diferentes membros têm acerca da sua atuação.

O autodiagnóstico da nossa organização é sempre necessário, constitui um elemento essencial da análise da realidade, podendo ser uma excelente prática preliminar antes de abordar a análise da realidade, facilitando-a e dando-lhe sentido. Interessa-nos analisar como nos organizamos para alcançar os nossos objetivos, como se relacionam os vários membros, como comunicamos e nos coordenamos, como participamos na manutenção da nossa organização, como nos relacionamos com o meio envolvente, etc.

Consiste em fazer com que cada membro da OAV responda individualmente às perguntas colocadas no questionário, refletindo a sua percepção individual do funcionamento da nossa organização. Depois, poderemos comparar as respostas em grupo, assinalando as convergências e as discrepâncias e procurando – a partir do debate coletivo – elaborar respostas comuns que reflitam a opinião de todo o grupo.

Este exercício servirá para identificar os pontos fortes e fracos da organização. É importante ter em conta que o que estamos a analisar é a «percepção» do grupo, ou seja, devemos ter em consideração todos os pontos fortes e fracos que sejam vistos como tal por quem participa no exercício.

Pode haver aspetos em que «a realidade» não corresponde a essa percepção (por exemplo: «o grupo sente que não existem oportunidades de formação, mas os grupos programados estão vazios»), mas esta divergência assinala um «problema» que devemos analisar coletivamente (por exemplo: «talvez não sejam os cursos adequados», «talvez esteja a falhar a informação interna», etc.).

O questionário deve servir para definirmos coletivamente objetivos de melhoria do funcionamento da nossa organização e ações concretas para os levar a cabo.

20 PERGUNTAS PARA REVER A NOSSA PRÁTICA ORGANIZATIVA

	N	P	S
1_ Analisamos coletivamente a realidade para identificar os objetivos da nossa ação.			
2_ Os objetivos são concretos, claros e precisos, podendo ser facilmente avaliados e revistos por todos.			
3_ Os beneficiários, as suas necessidades e interesses são bem conhecidos por todos.			
4_ Todos ou a maioria dos membros intervêm na definição de objetivos, conhecem-nos e partilham-nos.			
5_ Todos ou a maioria dos membros contribuem com recursos (económicos, técnicos, humanos, tempo...).			
6_ As atividades são planeadas com antecedência, com base em critérios definidos em conjunto.			
7_ As decisões são tomadas de acordo comum, com a participação de todos ou da maioria dos membros.			
8_ As atividades são organizadas e realizadas com a participação de todos ou da maioria dos membros.			
9_ As atividades são avaliadas e revistas em conjunto para garantir o seu interesse e eficácia.			
10_ A informação circula adequadamente entre todos ou entre a maioria dos membros, em todas as direções.			
11_ As tarefas e funções são repartidas entre todos ou pela maioria dos membros, de acordo com a sua capacidade e disponibilidade.			
12_ O trabalho é realizado coletivamente, em equipa, partilhando responsabilidades.			
13_ Todos ou a maioria dos membros têm oportunidade de melhorar a sua formação para o desenvolvimento da organização.			
14_ O clima de comunicação e relacionamento entre todos é satisfatório e devidamente «cultivado».			
15_ A comunicação com o bairro ou o meio envolvente é adequada, a organização é conhecida por toda a gente.			
16_ A organização tem capacidade para gerar recursos próprios sem depender completamente de subsídios.			
17_ A relação e a coordenação com outras OAV são consideradas muito importantes e recebem a atenção adequada.			
18_ A forma de organização é periodicamente avaliada em conjunto e modificada em conformidade.			
19_ Todos ou a maioria dos membros têm a possibilidade de participar na gestão interna da organização.			
20_ É dada a atenção necessária ao desenvolvimento da organização e à captação de novos membros.			

N = Nada, P = Pouco, S = Suficiente



UM VOCABULÁRIO
PARA NOS ENTENDERMOS
MELHOR

- _ **Metodologia:** Conjunto de conhecimentos, métodos ou procedimentos, técnicas ou ações, valores e atitudes adequados para atingir um determinado objetivo.
- _ **Organizações de Ação Voluntária:** Todo o tipo de organizações sociais, associações, fundações, ONG, cuja ação se baseia no trabalho voluntário dos seus membros.
- _ **Globalização:** Processo, facilitado pela Revolução Tecnológica, através do qual a produção, o consumo, o investimento, as finanças e qualquer outra atividade económica se organizam à escala mundial, num Mercado Global, onde as grandes corporações multinacionais têm a hegemonia.
- _ **Tecnologias da Informação e da Comunicação. TIC:** Dizem respeito à informática e às telecomunicações, cujo desenvolvimento atual (Revolução Tecnológica, Revolução da Informação, etc.), assim como a utilização da Internet, permite aceder a e partilhar uma grande quantidade de informação com enorme rapidez.
- _ **Gestão do conhecimento:** Processo de seleção e interpretação da informação pertinente para a compreensão da realidade.
- _ **Construção coletiva do conhecimento:** Processo coletivo de fornecimento e intercâmbio de análise e comparação de informações e experiências para produzir novos níveis de conhecimento.
- _ **Investigação Ação Participativa (IAP):** Metodologia de intervenção social assente no conhecimento participativo da realidade como forma de tomada de consciência das organizações e grupos sociais e como forma de aprendizagem de novas capacidades coletivas (de conhecimento, interpretação, auto-organização, ação, etc.) para transformar a sua realidade.

IV.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

F. CEMBRANOS, J. A. MEDINA, *Grupos inteligentes. Teoría y práctica del trabajo en equipo*, Editorial Popular, 2003.

- _ Recomendamos vivamente este livro. É uma das aproximações mais lúcidas e práticas que conhecemos ao mundo dos grupos e do trabalho em equipa. Contém muitas técnicas úteis para a reflexão e a análise coletiva.

CARLOS NÚÑEZ HURTADO. *Educar para transformar, transformar para educar*, IMDEC. México, 1986.

- _ Clássico sobre a metodologia da Educação Popular, com uma análise rigorosa da realidade e vários contributos sobre o «triplo diagnóstico».

EZEQUIEL ANDER EGG. *Técnicas de investigación social*, El Ateneo. México, 1990.

- _ Um manual completo que nos apresenta muitas e variadas técnicas de investigação social e nos orienta quanto ao modo de as organizar nos processos de intervenção.

GARCÍA FERNANDO, M., IBÁÑEZ, J., y ALVIRA, F., *El análisis de la realidad social. Métodos y técnicas de investigación*, Alianza Editorial. Madrid, 1990.

- _ Outro clássico, com análises e abordagens teóricas muito interessantes para quem quiser aprofundar este assunto.

LAURA VARGAS, GRACIELA BUSTILLOS Y MIGUEL MARFÁN, *Técnicas participativas para la educación popular*, Editorial Popular. Madrid, 1995.

- _ Um dos livros de técnicas de grupo mais completo e conhecido. Contém uma grande diversidade de técnicas participativas, apresentadas de forma muito simples e direta, muitas das quais podem ser-nos muito úteis para a análise.

VV.AA. Edición a cargo de MARÍA CRISTINA SALAZAR, *La investigación-acción participativa: inicios y desarrollos*, Editorial Popular. Madrid, 1992.

- _ Este livro permite-nos adquirir um conhecimento mais amplo sobre a IAP e as suas aplicações, a partir de diferentes perspectivas e pontos de incidência. Contém trabalhos de alguns dos especialistas mais qualificados nesta área.

EQUIPO CLAVES, *Gestión participativa de las asociaciones*, Editorial Popular. Madrid, 1994.

- _ Visão global das associações e do seu funcionamento do ponto de vista participativo. Dedicar uma secção específica ao conhecimento e análise da realidade.

CÁRITAS ESPAÑOLA, *Con los pies en la tierra. Material para el análisis de la realidad desde grupos de base*. Madrid, 2001.

- _ Trata-se de uma publicação essencialmente educativa, dirigida a grupos de ação social que trabalham em contextos de exclusão, nos quais se proporcionam fundamentos e ferramentas práticas para realizar análises simples da realidade local e global num momento histórico tão inovador como o atual.

*Os meus especiais agradecimentos a Miguel Rodríguez Rodríguez,
colega do CRAC, pelas suas leituras críticas e contributos para este texto.*

FICHA TÉCNICA

Título Original

METODOLOGIAS DE ANÁLISIS DE LA REALIDAD GLOBAL Y LOCAL

Colección A Fuego Lento

Autor

Fernando de la Riva

Edição Original

Plataforma del Voluntariado de España

Edição Portuguesa

Fundação Eugénio de Almeida

© Desta Edição

Fundação Eugénio de Almeida

Tradução

Sinraweb, Informática e Serviços, Lda.

Design Gráfico

MindImage Design, Lda.

Impressão

OndaGrafe - Artes Gráficas

Tiragem

1000 exemplares

ISBN

978-972-8854-58-4

Depósito Legal

Novembro 2012



09

METODOLOGIAS DE ANÁLISE DA REALIDADE GLOBAL E LOCAL

É possível, nos nossos âmbitos de ação e formação, atuar, viver, sem questionar a realidade em que vivemos e atuamos, sem a conhecer – até à medida do possível –, sem tentar compreendê-la? Não se pode transformar o que não se conhece.

Parece, pois, que não nos resta outra alternativa senão assumir a complexidade da realidade e uma boa dose de incerteza e modéstia e continuar a tentar conhecer, cada dia mais e melhor, o mundo em que vivemos para podermos transformá-lo.

No presente caderno encontraremos critérios de atuação e ferramentas concretas para realizar, de forma clara e pedagógica, uma análise pertinente da realidade local e global que afeta todas as nossas organizações de voluntariado.